

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

ISABELA RAMALHO ORLANDO

Afetividade e constituição do leitor: histórias de  
mediação vivenciadas por sujeitos universitários

CAMPINAS, 2016

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

ISABELA RAMALHO ORLANDO

Afetividade e constituição do leitor: histórias de  
mediação vivenciadas por sujeitos universitários

Monografia apresentada à Faculdade de  
Educação como Trabalho de Conclusão de  
Curso de Pedagogia, sob orientação do  
Professor Doutor Sérgio Antônio da Silva  
Leite.

CAMPINAS, 2016

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca da Faculdade de Educação  
Rosemary Passos - CRB 8/5751

Orlando, Isabela Ramalho, 1994-

Or51a Afetividade e constituição do leitor : histórias de mediação vivenciadas por sujeitos universitários / Isabela Ramalho Orlando. – Campinas, SP : [s.n.], 2016.

Orientador: Sérgio Antônio da Silva Leite.  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Afetividade. 2. Mediação. 3. Leitura. I. Leite, Sérgio Antônio da Silva, 1946-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações adicionais, complementares

**Titulação:** Licenciado

**Banca examinadora:**

Sérgio Antonio da Silva Leite

Heloísa Andreia de Matos Lins

**Data de entrega do trabalho definitivo:** 31-07-2016

BANCA EXAMINADORA

SÉRGIO ANTONIO DA SILVA LEITE

HELOÍSA ANDREIA DE MATOS LINS

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Edilson e Livia, e ao meu irmão, Matheus, por todo carinho e apoio que me dedicaram durante toda minha vida. As minhas conquistas e realizações só foram possíveis graças à dedicação que deram a mim e à minha formação.

Ao professor Dr. Sérgio Leite, pelos ensinamentos, pela atenção e dedicação durante nossos anos de orientação e convivência. O vínculo afetivo

À Rosinha, ao Rigon e à equipe do Colégio Ipê de Assis, que me acolheram ensinaram durante anos e foram fundamentais para minha formação inicial.

Aos meus familiares, tios, tias, avó, primos e primas, que me apoiaram, torceram por mim e comigo comemoraram cada conquista.

Às minhas amigas da Pedagogia, por dividirem comigo as alegrias e as angústias da graduação.

Aos colegas do Grupo do Afeto, pela troca de conhecimento que tanto contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho. Especialmente a Dani, que acompanhou e auxiliou meus primeiros passos para dentro do mundo da pesquisa.

Aos meus queridos amigos do intercâmbio, que viveram comigo esse momento tão único e enriquecedor da minha vida.

A todos os amigos que a Unicamp colocou em meu caminho- aqueles que dividiram casa, aqueles que foram companhia para os finais de semana e os que foram parceiros nos estudos- agradeço pelos momentos que compartilhamos e que não serão esquecidos.

À Fapesp- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo- pela financiamento concedido para a realização desta pesquisa.

## **Resumo**

A presente pesquisa teve por objetivo descrever e analisar o processo de constituição de leitores, com sujeitos universitários, focando os impactos afetivos das situações de mediação entre sujeitos e as práticas de leitura. A pesquisa foi realizada com estudantes nos anos iniciais da graduação de uma universidade pública do interior de São Paulo. Os sujeitos eram estudantes de diferentes áreas do conhecimento, caracterizados como leitores autônomos. Entende-se por leitor autônomo aquele sujeito que lê por iniciativa própria, o que sugere que a leitura literária represente uma atividade intrinsecamente motivadora. A pesquisa fundamenta-se em teorias da área da Psicologia, principalmente nas ideias de Vygotsky (1998, 2005) e de Wallon (1968, 1979). A coleta de dados foi realizada através do procedimento de Entrevistas Recorrentes sendo que os estes foram agrupados em núcleos de significação. Posteriormente, tais núcleos foram analisados e discutidos com base na abordagem teórica assumida. Os resultados reforçam a importância da mediação e de seus impactos afetivos na constituição desses sujeitos como leitores, detalhando-se a história de mediações concretamente vivenciadas ao longo de suas vidas.

Palavras-chave: Afetividade; leitura; mediação.

## SUMÁRIO

<b>1-Introdução</b>	01
<b>2- Referenciais teóricos</b>	03
2.1- Afetividade	03
2.2- Leitura	06
2.3- Família e leitura	09
2.4- Escola e leitura	11
<b>3- Método</b>	14
3.1- Fundamentação teórica	14
3.2- Seleção dos sujeitos	15
3.3- Caracterização dos sujeitos	16
3.4- Procedimento de coleta de dados	19
<b>4- Análise de dados e resultados</b>	22
4.1- Descrição dos resultados	23
Núcleo 1: Vivências de leitura	23
Núcleo 2: Práticas de leitura na escola	30
Núcleo 3: Família	38
Núcleo 4: Amigos	48
Núcleo 5: Namorado	49
Núcleo 6: Acesso aos livros	50
Núcleo 7: O impacto da leitura	54
<b>5- Discussão</b>	57
5.1- Considerações finais	67
<b>6- Referências bibliográficas</b>	70
<b>7- Anexo</b>	73

## **1-Introdução**

A presente pesquisa insere-se no contexto do Grupo o Afeto, parte do grupo de pesquisa ALLE (Alfabetização, Leitura e Escrita), da Faculdade de Educação/ UNICAMP, que tem se dedicado ao estudo da afetividade e suas relações com o ensino e com outras práticas culturais, como a leitura. No que toca à questão da afetividade, superou-se a visão dualista de ser humano, a qual supõe a separação entre corpo/mente, afeto/ cognição e razão/emoção. A visão dualista tem suas raízes na Antiguidade, fortalecendo-se com a filosofia cartesiana. Igualmente, durante a Modernidade, os afetos, por serem tidos como parte anímica, não poderiam ser objetos de estudos científicos (LEITE, 2012). Além disso, durante esse processo histórico, a razão assumiu uma posição central na caracterização de pensamento humano, em detrimento da emoção.

Como consequência de todo esse domínio secular das concepções dualistas, as propostas educacionais nos países ocidentais centraram-se, basicamente, no desenvolvimento dos aspectos cognitivos do ser humano, assim como as pesquisas em educação. Contudo, no Brasil, esse cenário vem se alterando durante as duas últimas décadas e o tema da afetividade tem sido objeto de estudo de inúmeros autores da Psicologia Educacional, tais como Dantas, 1992; Mahoney, 1993; Oliveira, 1992; Pinheiro, 1995; Leite, 2006.

Estas pesquisas assentam-se em bases teóricas interacionistas, com relação ao processo de desenvolvimento humano, rompendo com a visão dualista e buscando uma compreensão do ser humano em sua totalidade, assumindo uma visão monista. Essa visão entende que as dimensões cognitiva e afetiva são indissociáveis no processo de desenvolvimento humano. Tais abordagens, representadas por autores como Wallon e Vygotsky, fornecem as bases teóricas para essa concepção de investigação científica. Os estudos desses teóricos permitem inferir que o processo de desenvolvimento humano se

dá a partir das interações sociais, marcadas por conteúdos afetivos e cognitivos, que se influenciam mutuamente. Essas interações são determinantes para se entender o papel do processo de mediação na relação que o indivíduo estabelecerá com os diversos objetos e práticas culturais.

Neste panorama, em que a afetividade é tomada como objeto de estudo científico, a leitura é uma das práticas culturais que surgem como tema de pesquisa pelos integrantes do Grupo do Afeto. Grotta (2000) estudou as histórias individuais de professores universitárias, analisando as situações de mediação entre eles e a leitura, que, ao longo de suas vidas, contribuíram para que eles se constituíssem como leitores autônomos. Os trabalhos de Souza (2005) e Orlando (2014) focaram as situações de mediação entre sujeitos adolescentes e as práticas de leitura vivenciadas no ambiente familiar. Silva (2005) e Higa (2007) analisaram as práticas de leitura no ambiente escolar.

A presente pesquisa soma-se a esses trabalhos, tendo como objetivo observar e analisar a constituição de sujeitos universitários como leitores, atentando-se à dimensão afetiva das situações de mediação entre estes sujeitos e leitura. Os sujeitos da pesquisa são estudantes dos anos iniciais de uma universidade pública do estado de São Paulo, que se caracterizam como leitores autônomos, ou seja, leitores que leem por iniciativa própria e para os quais essa é uma atividade intrinsecamente motivadora.

Através do procedimento de Entrevistas Recorrentes (Leite e Colombo, 2006), coletaram-se dados sobre as histórias de mediação entre os sujeitos e práticas de leitura. Os dados foram organizados em Núcleos Temáticos (Zanelli, 1992), os quais indicam e descrevem os aspectos relacionados com as dimensões afetivas identificadas nas experiências de leitura relatadas pelos sujeitos. Por fim, esses dados são analisados e discutidos à luz da abordagem histórico-cultural.

## 2- Referenciais Teóricos

### 2.1- Afetividade

A pesquisa baseia-se na abordagem histórico- cultural de Vygotsky e a teoria do desenvolvimento de Wallon. Os estudos acerca do desenvolvimento humano realizados por tais teóricos permitem o entendimento do ser humano como um todo, sem que se oponha razão à emoção. Supera-se a visão dualista, que perdurou durante séculos, na qual as relações entre razão e emoção e entre cognição e afetividade são dicotômicas. Tal superação sustenta-se na visão monista de ser humano, compreendendo que os aspectos afetivos e os cognitivos são indissociáveis para o desenvolvimento humano.

Segundo esta abordagem, o desenvolvimento do indivíduo- e sua constituição enquanto ser social- se dá através das interações com o outro. É com base nas ideias de Vygotsky (1998, 2005) e Wallon (1979) que se pressupõem os aspectos cognitivos e afetivos presentes nessas interações, fundamentais para o desenvolvimento humano.

Wallon (1999) afirma que é a partir do contato com o “outro” que o indivíduo consegue se definir como “eu”. Dessa forma, são as trocas e construções estabelecidas na interação com o outro que permitem ao indivíduo caracterizar-se como um sujeito único, com base na construção de um universo simbólico pessoal.

Vygotsky, igualmente, considera que a constituição do indivíduo se dá através da interação com o outro. Segundo este autor, o indivíduo apropria-se dos elementos de sua cultura (valores, práticas, ideia) através do processo de *internalização*, em que o sujeito reconstrói internamente, a partir de sua reflexão pessoal, aquilo que experienciou, a princípio, externamente. Desta forma, o indivíduo constitui seus sentidos e significados, construindo assim um universo simbólico amplo e complexo.

O autor, ao enfatizar a importância das interações com o outro, apresenta o conceito de *mediação*, fundamental para a compreensão da teoria e do papel do outro no

desenvolvimento humano. Vygotsky considera que a relação entre o homem e o mundo nunca é direta, mas sempre mediada. Isso significa que o indivíduo apropria-se dos elementos da cultura através da interação com o outro e que sua relação com o mundo ocorre através da intervenção de sistemas simbólicos. Desta forma, a internalização dos objetos culturais, a qual permite o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, típicas de atividade humana, é um processo que se desenvolve através da mediação de agentes culturais.

Nesta perspectiva, a leitura configura-se como um objeto cultural cujos significados e sentidos são internalizados pelo sujeito a partir das interações com o “outro”, o qual realiza a mediação entre o sujeito e essas práticas. Os dados de pesquisas desenvolvidas por membros do Grupo do Afeto (LEITE, 2006) sustentam fortemente que esse processo de mediação exercido pelo “outro” é marcadamente afetivo e sua qualidade é determinante para a relação que o sujeito estabelecerá com a referida prática cultural. Assim, no caso presente, o processo de constituição do sujeito como leitor autônomo é determinado pela história de mediação vivenciada com as práticas de leitura que, para muitos, inicia-se já no ambiente familiar. Segundo os dados disponíveis pelo referido grupo de pesquisa, uma história de mediação marcada por impactos afetivos positivos possibilitará um movimento de aproximação afetiva entre o sujeito e a prática da leitura, marcadamente afetivo na sua origem.

Wallon apresenta uma visão integradora do homem, segunda a qual o funcionamento humano integra quatro campos: afetivo, cognitivo e motor, que formam o quarto campo, a pessoa. O autor difere *afetividade* de *emoção*: afetividade refere-se a um conjunto amplo de manifestações que envolvem emoções (origem biológica) e sentimentos (origem psicológica); desenvolve-se através da apropriação dos sistemas simbólicos culturais.

Já as emoções, que caracterizam as primeiras respostas do recém-nascido, têm natureza orgânica e correspondem a manifestações corporais de estados subjetivos. Galvão (1996) afirma que “*Wallon mostra que todas as emoções podem ser vinculadas à maneira como o tônus se forma, se conserva ou se consome*” (p. 61), portanto rubor, palidez, aumento de batimentos cardíacos são exemplos dessas manifestações corporais. Além disso, as emoções têm também função social, que se refere à comunicação e mobilização do outro no período inicial da vida (choro e agitação física do bebê). Além disso, considera a emoção como o primeiro e mais forte vínculo entre os seres humanos. Com a ampliação das habilidades de representação da criança, ela passa a dividir com o outro os *sentimentos*, construções psicológicas que permitem formas mais maduras e complexas de comunicação e atuação no meio.

Wallon considera que a afetividade exerce papel fundamental no desenvolvimento humano, uma vez que afirma ser possível dividir o processo de desenvolvimento em estágios e que em todos os estágios está presente a afetividade, seja de forma determinante ou não. Para o autor, a afetividade é determinante tanto na construção da pessoa quanto na construção do conhecimento. Dessa forma, verifica-se que em todos os estágios estão presentes, de maneira indissociável, a afetividade e a cognição, observando-se uma alternância de predomínio de cada uma delas, durante todo o processo de desenvolvimento. Como expõem Leite e Tassoni (2002), “as conquistas no plano afetivo são usadas no plano cognitivo, e vice-versa” (p. 05).

Com base nos estudos de Vygotsky e de Wallon, pode-se inferir que o processo de desenvolvimento humano se dá a partir das interações sociais, marcadas por conteúdos afetivos e cognitivos que se influenciam mutuamente. Essas interações são determinantes para a natureza da relação que o indivíduo estabelecerá com os objetos e práticas culturais.

## 2.2- Leitura

Sabe-se que a leitura é uma prática indispensável para a plena inserção do indivíduo na sociedade, uma vez que “configura-se como uma atividade linguística que possibilita ao sujeito ter acesso aos bens culturais da sociedade em que vive, ampliar sua compreensão da realidade, bem como participar e intervir na mesma” (GROTTA, 2000, p. 26). A importância da leitura como prática social é amplamente reconhecida, de forma que há, em diversas esferas da sociedade, preocupação com a formação do indivíduo enquanto leitor. Portanto, no ambiente familiar, onde há grande atenção à formação do indivíduo, espera-se encontrar estratégias e práticas para a constituição do indivíduo como leitor.

O fenômeno da leitura foi por muito tempo compreendido como mera decodificação e oralização da escrita. O sentido do texto era considerado algo estático e único, contido dentro do texto e cabendo ao leitor apenas recuperá-lo. Desta forma, a compreensão do texto era uma instância que se restringia ao autor, pois era ele quem fixava seu sentido correto. O leitor, por sua vez, era visto como um sujeito passivo, cuja atitude diante de um texto era de mera assimilação das ideias do autor (Grotta, 2000).

Esta visão é, atualmente, entendida como uma visão tradicional de leitura, que começou a ser superada a partir da década de 1960, com o advento das concepções interacionistas. Neste período, a preocupação com a leitura aumentou, pois esta passou a ser considerada a chave para o sucesso da aprendizagem e da escolaridade. Com isso, elevou-se o número de pesquisas na área, e passou-se a entender o ato de ler como a produção de sentidos, que permite diferentes leituras de um único texto, superando a ideia de que o texto contém um sentido único ditado pelo autor (GROTTA, 2000).

Superando o modelo tradicional, a leitura pode ainda ser estudada em várias matrizes, uma vez que se trata de um fenômeno muito abrangente. Um dos olhares possíveis para esse fenômeno é o da concepção cognitivista, o qual se concentra em entender o funcionamento do corpo no ato de leitura. Pode-se também estudar a leitura seguindo uma abordagem histórica, a qual busca mapear os costumes e as práticas de leitura levando em consideração a relação do leitor com sua comunidade e seu momento histórico.

Essas duas formas de estudar a leitura serão aqui apresentadas por se entender que elas não são antagônicas, mas que podem ser complementares e que o estudo combinado de ambas pode enriquecer a compreensão de leitura. O ponto fundamental a ser considerado nas diferentes abordagens para o estudo da leitura é o entendimento de que esta não é mera decodificação do código escrito, mas que é produção de sentidos. Desta forma, a presente pesquisa apoia-se na visão dialética de leitura, segundo a qual “ler não é uma atitude de mero reconhecimento da escrita, nem uma atitude passiva do leitor de identificar o sentido (único) do texto” (Grotta, 2000, p. 31).

Smith (1999) é um dos autores cujo trabalho norteia-se pela concepção cognitivista. Segundo este autor, a leitura é uma combinação de informação visual e informação não visual. A informação visual é aquilo que está escrito e que os olhos enxergam, é a informação que “desaparece quando as luzes se apagam” (p. 20). Já a informação não-visual consiste em outros tipo de informação que também é necessária para a leitura, como compreensão da linguagem e conhecimento do assunto sobre o qual se lê. Esta informação é, portanto, a bagagem que o leitor carrega e que “já está em sua mente, atrás dos olhos” (p.11).

Segundo o autor, esta informação que está atrás dos olhos, ou seja, o conhecimento prévio do leitor permite-lhe fazer previsões e elaborar diferentes hipóteses

que o possibilitarão construir os significados e sentidos sobre o texto lido. Conforme o desenrolar do texto, o leitor vai eliminando alternativas de significação improváveis.

A abordagem histórica apresentada por Chartier (1990; 1996), em seus trabalhos sobre leitura, é fundamental para compreender a relação entre sujeito e leitura, considerando-se a concepção de sujeito como um ser histórico-cultural, a qual é adotada nesta pesquisa. O autor afirma que a leitura é um espaço de tensão entre o polo de produção (autor; editor) e o polo de recepção (leitor). Os primeiros tentam impor um sentido único à leitura, uma leitura autorizada; assim, sempre pensam no leitor e em estratégias para induzi-lo ao sentido por eles pretendido. O autor defende o caráter criador do ato de ler, o que garante a pluralidade de leituras e sentidos. Segundo o autor, um mesmo texto é apropriado de modos diferentes, uma vez que há a intervenção criadora nos polos de recepção (leitores), afirmando que “a leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados” (Chartier, 1999, p.77).

Segundo o autor, toda a história da leitura supõe a liberdade do leitor como um princípio, liberdade esta que desloca e subverte aquilo que o texto tenta lhe impor (Chartier, 1999). Contudo, essa liberdade do leitor não é absoluta, mas limitada pelas convenções e hábitos de leitura da sociedade na qual esse leitor se insere. Convenções como os gestos, as razões de ler, os objetos, os lugares, tudo muda conforme o contexto histórico-cultural. O autor considera que a multiplicidade de formas de leitura não é infinita, uma vez que as experiências individuais estão inscritas em normas e modelos compartilhados, de modo que “Cada leitor, para cada leitura, é singular, mas esta singularidade é atravessada por aquilo que faz que este leitor seja semelhante a todo aqueles que pertencem à mesma comunidade”(p.91).

Os novos modos de pensar a leitura e a escrita tiveram, no Brasil, grande contribuição de Paulo Freire. Segundo o autor, o ato de ler não se esgota na

decodificação do código escrito, mas é antecedido e alongado pelo conhecimento de mundo do leitor (Freire, 1985).

Os trabalhos de Freire (1985, 2011), Chartier (1990, 1996, 1998) e Smith (1999) têm um ponto em comum: o entendimento de que leitura é produção de sentidos. Desta forma, o estudo destes autores permite uma compreensão aprofundada sobre leitura e a percepção de que esta possibilita ao sujeito dialogar com as ideias do autor e, assim, revisar e aprimorar suas ideias e valores, ampliando seu universo pessoal. Cada leitor dá um novo sentido ao texto, marcados pelo contexto histórico do sujeito leitor, sua cultura e seu conhecimento prévio. Essa situação, em que o leitor interpreta as ideias do autor através do diálogo com suas experiências pessoais, faz com que cada interpretação seja única e pessoal e, portanto, faz com que o texto não tenha um sentido único já que é ressignificado a cada leitura.

### **2.3- Família e Leitura**

No processo de desenvolvimento do indivíduo, é notável o papel da família como agente mediador de objetos culturais. Tal importância deve-se ao fato de que, no ambiente familiar, o indivíduo inicia seu processo de constituição através do contato com o mundo. Na família são apropriados valores e solidificados aspectos vitais para o indivíduo, como a adaptação ao meio ambiente, a capacidade de socialização, a formação moral, entre outros (Flores, 1994). Portanto, *“se a formação do indivíduo depende, em grande parte, das experiências recebidas do seio familiar e das relações nele existentes, o aspecto educativo da família ganha especial relevância”* (Flores, 1994, p. 12).

Considerando que a leitura é uma prática social da qual o indivíduo apropria-se a partir da interação com o “outro”, a mediação da família é um dos possíveis meios de se estabelecer a relação entre o sujeito e a leitura. Entende-se que a mediação

realizada pela família, isto é, as vivências concretas de leitura que o indivíduo experienciava no ambiente familiar, poderá ser de suma importância para a constituição do indivíduo como leitor, uma vez que as vivências no ambiente familiar mostram-se fundamentais para a constituição pessoal do sujeito,

Estudos como os de Knobel (1972), Flores (1994) e Campos (1983) mostram que o conceito de família não é fixo, mas que passou por diversas alterações ao longo da história humana. Uma análise histórica dessa instituição faz atentar para as diferentes organizações e diferentes funções sociais que a Família já teve e exerceu. Tem-se a *família tradicional*, característica da Idade Média, a qual apresenta estrutura hierarquizada em que o pai é a principal autoridade e cada membro desempenha uma função específica. Além disso, tal família era composta por diversas gerações- avós, pais, filhos, irmãos- em um mesmo espaço físico, por isso era extensa.

No contexto da Revolução Industrial (século XVIII), quando a massa populacional desloca-se para os grandes centros urbanos, a estrutura familiar é reformulada de maneira que seja preservada sob as novas condições sociais vigentes. No período, a família foi reduzida, já que os baixos salários e os espaços físicos diminutos não comportavam uma família com grande número de integrantes. Essa nova estrutura familiar é chamada de *nuclear*, que reúne apenas membros mais próximos. Mantém-se nessa nova estrutura a hierarquia da família tradicional, em que o homem é a principal autoridade e a mulher é a responsável pelos cuidados do lar e pela educação dos filhos.

A *família pós-industrial*, configuração que se tem atualmente, sofreu uma série de alterações em relação à família nuclear. Uma diferença fundamental é quanto ao papel da mulher que, ao se inserir no mundo do trabalho, transforma o cotidiano familiar. Dessa forma, as funções dos membros da família são reorganizadas, de modo

que o homem passa a dividir com a mulher a responsabilidade de educar os filhos. Além disso, com a conquista de sua própria fonte de renda, ela passa a contribuir para o orçamento familiar e divide o papel de autoridade com o pai.

Essa estrutura familiar é marcada ainda por altos índices de separação, o que leva a família a fragmentar-se. Com isso, há uma nova significação para a família, que já não remete necessariamente à coabitação, e novas relações se estabelecem, a partir da alteração das funções de cada membro.

Apesar das transformações ocorridas na estrutura familiar ao longo da História, nota-se que o cuidado e a preocupação com os seus filhos mantiveram-se e até aprimoraram-se. Isso significa que se observa, nos dias de hoje, a preocupação com o desenvolvimento e com o êxito entre os membros da família. É neste contexto que os membros da família aparecem como mediadores nos processos de constituição de leitores descritos e analisados nesta pesquisa.

#### **2.4- Escola e leitura**

As trajetórias de constituição dos sujeitos desta pesquisa enquanto leitores interligam-se, em muitos momentos, às suas trajetórias escolares, já que a escola é um espaço legitimado historicamente como formador de leitores e onde práticas de leitura se efetivam. Por esta razão, necessita-se de um breve retrato da relação entre escola e leitura, que aqui será abordada tomando como principal referência os trabalhos realizados pelo Grupo do Afeto sobre esse tema.

A qualidade da mediação pedagógica é um dos principais determinantes para a relação que se estabelecerá entre sujeito e objeto, neste caso, entre estudante e as práticas de leitura. As mediações pedagógicas dos professores nas situações de leitura causam impactos que são também de natureza afetiva, não somente cognitiva, podendo propiciar movimentos de afastamento ou de aproximação do sujeito com esta prática cultural.

O trabalho de Higa (2007) descreve e analisa as práticas de leitura mediadas por duas professoras com um mesmo grupo de estudantes. A professora A desenvolveu atividades que propiciavam a formação dos estudantes enquanto leitores. Já a professora B, que posteriormente assumiu a classe, não deu continuidade ao trabalho de formação de leitores e um dos resultados disso foi o movimento de afastamento entre os estudantes e a leitura.

Uma das diferenças que os dados de Higa (2007) mostram entre as duas professoras é que a professora A lia diariamente em sala de aula e demonstrava grande prazer pela leitura. Por outro lado, a professora B lia pouco em sala de aula, o que foi interpretado pelos estudantes como desinteresse da professora por essa prática. A professora A, através de sua mediação pedagógica, foi capaz de contagiar os estudantes com sua relação afetiva positiva com a leitura, da forma como Wallon (1968) indicava no que se refere ao poder de contágio dos afetos.

Silva (2005) traz uma lembrança de um grupo de estudantes do Ensino Médio de uma escola particular acerca das situações de leitura que vivenciaram em seus percursos escolares. Todos os sujeitos haviam cursado o Ensino Fundamental na mesma escola e haviam estabelecido uma relação afetiva com a leitura.

Os relatos destes estudantes chamam a atenção para os projetos literários propostos pela escola, que eram parte do currículo do 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental. Tais projetos constituíram-se no trabalho multidisciplinar de um determinado livro, através de diferentes atividades, tais como música, fantoches, festa, teatro, artes plásticas e uso de tecnologias.

A autora afirma que a lembrança desses projetos foi carregada de emoção, mostrando que as atividades dos projetos foram experiências significativas. Dessa forma, a relação entre os sujeitos e o material de leitura foi carregada de marcas afetivas,

as quais influenciaram suas trajetórias enquanto leitores. Esses projetos também indicam a existência de planejamento e trabalho pedagógico coletivo da escola com objetivo de formar leitores, que foi profundamente marcante para os estudantes.

Esses breves relatos de pesquisas dão suporte à premissa de que as situações de mediação influenciam a relação que se estabelecerá entre sujeito e objeto, no caso, entre estudante e leitura. O ambiente escolar é espaço privilegiado e legitimado enquanto mediador das práticas de leituras; portanto, a qualidade das mediações ocorridas durante os anos de escolarização causam forte impacto nos sujeitos, podendo contribuir positivamente no sentido constituírem-se como leitores autônomos ou ocasionar o afastamento deste objeto.

### **3- Método**

#### **3.1- Fundamentação teórica**

Para a realização da presente pesquisa, optou-se pela metodologia *qualitativa*, uma vez que esta metodologia permite a observação das mais íntimas peculiaridades do fenômeno pesquisado e seu entendimento dentro de um contexto social, adequando-se aos seus objetivos.

Lüdke e André (1986) elencam algumas características da pesquisa qualitativa: maior preocupação com o processo que com o produto, isto é, o intuito de verificar como determinado problema manifesta-se nas interações cotidianas; a predominância de dados descritivos; o foco da atenção do pesquisador no “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida.

Verifica-se que tal metodologia adequa-se aos objetivos propostos nesta pesquisa. Buscou-se descrever e compreender as formas de mediação entre os sujeitos e as práticas de leitura ao longo de suas vidas. Assim, o foco da pesquisa manteve-se no processo de constituição do sujeito leitor, ou seja, nas manifestações cotidianas de interações do sujeito com a leitura.

Ainda segundo Lüdke e André (1986), “os dados coletados são predominantemente descritivos. (...) Todos os dados da realidade são considerados importantes” (p. 12). Os dados obtidos nas entrevistas descrevem as experiências de leitura dos sujeitos e a pesquisa traz relatos sobre outras esferas da vida dos sujeitos, como as vivências de leitura na escola, a relação com os amigos, as mediações ocorridas no ambiente familiar e a rotina de leitura na faculdade.

Além disso, esta pesquisa traz os relatos dos sujeitos permeados pelas significações que eles davam às suas experiências e, conforme Lüdke e André (1986), na pesquisa qualitativa “há sempre uma tentativa de capturar a ‘perspectiva dos

participantes’, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas”. Durante as entrevistas, os sujeitos não só descreveram sua trajetória com a leitura, mas também refletiram sobre os impactos de cada experiência em sua constituição como leitores e, assim, foi possível compreender os aspectos afetivos presentes neste processo.

A seguir, será apresentado o procedimento de seleção dos sujeitos, bem como a caracterização de cada um deles. Em seguida, é feito o detalhamento teórico sobre o procedimento de coleta de dados - *Entrevistas Recorrentes* –seguindo-se a descrição dos procedimentos de coleta de dados.

### **3.2-Seleção dos sujeitos**

Foram intencionalmente escolhidos sujeitos que se caracterizam como leitores autônomos: leitores que leem por iniciativa própria e o fazem por considerar a leitura literária como uma atividade cultural de importância para o desenvolvimento pessoal. Optou-se por sujeitos que estão nos anos iniciais da graduação, por serem indivíduos que já viveram uma trajetória longa de contato com a leitura e, portando, teriam muitas experiências a relatar.

Os sujeitos eram estudantes de uma universidade pública do estado de São Paulo. A busca pelos sujeitos foi feita através das coordenações de graduação, das entidades estudantis e de redes sociais, por meio de uma carta contendo a descrição da pesquisa e do perfil de sujeito que se procurava. Os cursos contatados foram Letras, Estudos Literários, Medicina, Farmácia, Biologia, Química e Física. A partir desse contato inicial, obtiveram-se respostas daqueles estudantes que se interessaram em participar da pesquisa, com os quais a pesquisadora realizou pré-entrevistas, a fim de conhecê-los melhor e selecionar aqueles cujo perfil melhor se adequasse aos objetivos da pesquisa.

Foram 26 estudantes que manifestaram interesse em participar da pesquisa e, com base na pré-entrevista realizada com cada um deles, foram selecionados três sujeitos. A opção por trabalhar com poucos sujeitos justifica-se pelo propósito da pesquisa de resgatar as experiências de mediação entre sujeitos e leitura ao longo de suas vidas, de forma que um número menor de sujeitos possibilitaria maior aprofundamento nos relatos de cada um deles. A seleção foi feita de modo que houvesse um estudante de cada área do conhecimento (Exatas, Humanas e Biológicas) e que estes melhor se adequassem ao perfil de leitor autônomo anteriormente descrito.

### **3.3- Caracterização dos sujeitos**

#### **Sujeito 1**

O sujeito, do sexo masculino, passou sua infância e adolescência no interior de São Paulo, onde morava com os pais e a irmã. Estudou em colégios particulares e desde criança teve oportunidade de ir a feiras e bienais de livros, tanto com a família quanto em excursões escolares. Seu pai tem formação completa do segundo grau e a mãe tem o primeiro grau incompleto.

O sujeito mudou-se de cidade em razão dos estudos e atualmente mora sozinho. No momento das entrevistas, ele estava no 3º semestre de um curso na área de Exatas. O sujeito pretende seguir seus estudos na área de física médica. Sua escolha foi feita pelo fato de que essa área, além de envolver a física, matéria da qual ele gosta, também tem seu lado “humanitário”, em suas palavras. Ele diz que a ideia de trabalhar em um hospital e em contato com outras pessoas o anima a seguir esta carreira.

Uma característica muito marcante deste sujeito é sua paixão pelo conhecimento, pelo saber. Ele mostra que gosta muito de aprender e parece sempre buscar novos conhecimentos. Além disso, demonstra grande entusiasmo pela leitura e fala com

propriedade sobre os autores e livros de que gosta, resultado do hábito de sempre pesquisar sobre literatura.

Ao descrever sua relação com a leitura, o sujeito diz:

*“Quando você lê livros até mesmo para entretenimento e livros mais antigos assim, você tem uma imersão muito grande lá dentro. Que é uma parte fantástica da literatura: você se diverte, você se sente dentro daquela época, dentro daquele contexto, sabe. Então, para mim, é isso que eu acho muito bonito.” (S1)*

## **Sujeito 2**

A cidade natal deste sujeito localiza-se no interior de São Paulo, onde morava com os pais. Estudou em escolas públicas até o Ensino Fundamental II e no Ensino Médio estudou em escola particular. A mãe e o pai têm curso superior completo e ambos trabalham como funcionários públicos.

Atualmente, o sujeito, do sexo feminino, mora em uma república estudantil, na cidade para onde se mudou em virtude dos estudos. Quando as entrevistas foram realizadas, ela cursava o 3º semestre do curso de Letras. Sobre este curso, o sujeito diz que o escolheu devido à sua paixão pela literatura e pelo desejo de ser professora. Conta ainda que, durante o curso, descobriu um novo gosto, a linguística, e pretende realizar atividades de iniciação científica nessa área.

Sobre os impactos que a leitura proporciona, ela comenta:

*“Acho que prazer pessoal, né. Você lê e você se sente no meio daquela história. Tem aquele suspense e eu penso no que vai acontecer, no que eu faria nessa situação. E é também informativo, né. Mesmo que seja ficção, a gente fica sabendo que existem histórias e histórias no mundo.*

*E que a gente vive uma, mas outras pessoas podem viver outra. Fica sabendo que existem outras culturas no mundo. Você ver essas nuances, de que existem coisas diferentes da sua realidade, tanto se for para prazer pessoal ou pra informação, é interessante para que você entenda o mundo e que respeite essas diferenças. Isso é importante, você começa a rever seus conceitos.”(S2)*

### **Sujeito 3**

Natural de São Paulo (SP), este sujeito, do sexo feminino, viveu com seus pais até iniciar a graduação e mudar-se para Campinas. Ela estudou durante toda sua vida em um mesmo colégio particular, onde sua mãe trabalhava como professora do Ensino Fundamental I. Os pais têm curso superior completo.

Quando a pesquisa foi realizada, o sujeito cursava o 1º semestre de Medicina na Unicamp. Ela conta que estudou durante dois anos para ingressar no vestibular e que esse período foi de grande amadurecimento, o que se refletiu também nas práticas de leitura. Atualmente, procura conciliar o tempo de estudos com a leitura, além de ter dificuldade para encontrar um local tranquilo para ler, já que mora em um pensionato com várias meninas.

Pelos relatos deste sujeito, nota-se que cresceu rodeado de leitores e sobre sua relação com a leitura, ela diz:

*“O que eu mais gosto na leitura, o que me encanta mesmo, é que é uma das poucas coisas que eu consigo esquecer tudo o que está na minha volta. Quando eu me interessar pelo livro, eu entro na história, sabe? Então, eu esqueço que eu estou em casa, que estou na biblioteca lendo. Eu saio da minha realidade!”(S3)*

### **3.4-Procedimento de coleta de dados**

A coleta de dados foi realizada através do procedimento de Entrevistas Recorrentes, que, segundo Leite e Colombo (2006), “caracteriza-se por ser um processo interativo entre pesquisador e sujeito, que propicia a construção do conhecimento sobre um tema de maneira partilhada.” (p.9). Esse processo constrói-se pela interação entre o pesquisador, que pretende conhecer o fenômeno, e o sujeito, quem detém a experiência deste fenômeno.

Leite e Colombo (2006) descrevem o procedimento das Entrevistas Recorrentes: o pesquisador caracteriza o perfil dos sujeitos da pesquisa, de forma que a escolha desses sujeitos é intencional. Escolhidos os sujeitos, inicia-se a coleta de dados, feita, em geral, com um sujeito por vez. Na primeira entrevista, o pesquisador apresenta uma questão básica ao sujeito e solicita que ele verbalize livremente sobre o tema. Nesse primeiro momento, há pouca interferência do pesquisador e todos os relatos são gravados.

A próxima etapa envolve a transcrição dos relatos pelo pesquisador bem como a organização dos dados em núcleos temáticos que são descritos em matrizes contendo os respectivos núcleos e a descrição das falas que compõem cada um deles. Na segunda entrevista, o pesquisador apresenta ao sujeito as matrizes e solicita que ele altere/ comente/ proponha novos núcleos; além disso, o pesquisador solicita ao sujeito o esclarecimento de possíveis dúvidas. Essa segunda entrevista é transcrita e o pesquisador amplia a análise inicial dos dados, incluindo novas informações, fazendo as devidas alterações nas matrizes. Outras entrevistas podem ser realizadas, seguindo o mesmo procedimento, até que pesquisador e sujeito concordem que a questão foi esgotada.

A segunda etapa da análise de dados é feita somente pelo pesquisador, na qual ele coteja as matrizes individuais para a construção de uma matriz única. Essa matriz final será o resultado da pesquisa, que deverá ser analisado e discutido à luz a do referencial teórico previamente assumido.

Desta forma, foram selecionados os sujeitos que melhor se encaixaram no perfil exposto anteriormente e foram feitas entrevistas individuais com cada um deles. O primeiro sujeito selecionado foi um estudante da área de exatas e, em seguida, a estudante da área de humanas. Houve maior dificuldade em encontrar um estudante de biológicas que se encaixasse no perfil, por isso a coleta de dados iniciou-se com os sujeitos 1 e 2 quando ainda ocorria a seleção do sujeito 3.

Com o primeiro sujeito, foram realizadas três entrevistas, que duraram cerca de 50 minutos cada uma. Todas as entrevistas foram realizadas na universidade onde ele estudava. Após cada entrevista, a pesquisadora transcreveu os relatos e organizou os núcleos temáticos e, uma vez que ficaram prontos, contatou o sujeito para marcar a entrevista seguinte. Houve um intervalo de três semanas entre cada entrevista. Na primeira entrevista, o sujeito falou sobre seus familiares- como os pais, irmã e avós- e sobre seus hábitos e preferências de leitura. Nesse primeiro momento, abordou superficialmente sobre as experiências na escola, focando nos relatos sobre o professor de literatura do Ensino Médio. Na segunda entrevista, o sujeito comentou os núcleos temáticos e aprofundou os relatos sobre a escola, além de fornecer mais dados a respeito da família. A terceira entrevista foi uma apresentação da organização final dos núcleos.

Com o Sujeito 2, foram realizadas duas entrevistas, sendo que a primeira destas ocorreu no período entre a primeira e segunda entrevistas com Sujeito 1. As duas entrevistas ocorreram no local onde o sujeito estudava e duraram cerca de 40 minutos.

Na primeira entrevista o sujeito relatou sobre suas experiências na escola e sobre algumas figuras da família, como o pai e a madrinha. Na segunda entrevista, depois de ler os núcleos temáticos organizados pela pesquisadora, ela aprofundou e esclareceu alguns pontos sobre suas experiências de leitura na infância e na adolescência.

As entrevistas com o Sujeito 3 iniciaram-se quando a coleta de dados com os sujeitos 1 e 2 já havia terminado. Foram realizadas duas entrevistas, também na instituição em que o sujeito estudava, com duração de uma hora cada. Este sujeito mostrou-se muito à vontade em relatar suas experiências e, na primeira entrevista, fez um relato cronológico de suas vivências com a leitura. Este relato foi bastante detalhado e nele apareceram diversas figuras mediadoras, como os pais, professores, amigos e namorado. Na segunda entrevista, à medida que lia os núcleos temáticos, acrescentava novos dados aos seus relatos anteriores. Neste segundo encontro (também) foi dada atenção aos impactos que, na opinião do sujeito, a leitura causou em sua vida.

Após a finalização das entrevistas, a pesquisadora organizou as matrizes individuais de núcleos temáticos em uma única matriz. Esta matriz final será apresentada no capítulo de análise de dados e resultados.

#### **4- Análise de dados e Resultados**

Os dados coletados através das Entrevistas Recorrentes foram organizados em uma matriz, sendo os relatos verbais dos sujeitos agrupados em Núcleos Temáticos, os quais constituem, efetivamente, os resultados da pesquisa. A base do trabalho com Núcleos Temáticos foi verificada em Zanelli (1992) e tem sido utilizada em pesquisas que se inserem na temática da afetividade, como Tagliaferro (2003), Donadon (2009, 2013) e Rolindo (2013)

A organização de Núcleos Temáticos consiste na identificação de trechos da transcrição das entrevistas que representam o conteúdo analisado na pesquisa e no agrupamento destes trechos de acordo com sua natureza e função. Esses agrupamentos constituem os Núcleos Temáticos, que delimitam temáticas que visam responder as questões centrais da pesquisa. Na presente pesquisa, os Núcleos Temáticos indicam os aspectos relacionados com as dimensões afetivas identificadas na experiências de leitura relatadas pelos sujeitos. Na sua maioria, referem-se a agentes ou situações mediadoras que possibilitaram aos sujeitos um contato afetivo com as práticas de leitura em diversos momentos e ambientes.

A composição dos Núcleos Temáticos iniciou-se com a organização das falas de cada sujeito em matrizes, as quais eram discutidas com eles, separadamente, nas entrevistas ao longo da coleta de dados, a partir de um trabalho de interação entre sujeito e pesquisador. Deste modo, ao encerrarem-se as entrevistas com os três sujeitos, as falas estavam organizadas em três matrizes individuais que haviam sido construídas durante o processo de coleta de dados. A etapa final da organização destes dados, realizada exclusivamente pela pesquisadora, foi a construção de uma matriz única com as falas dos três sujeitos, agrupando os núcleos comuns aos três entrevistados. A matriz

final, contendo todos os Núcleos Temáticos e as falas que os compõem, encontra-se em anexo (Anexo 1). Segue a relação dos núcleos e subnúcleos formados.

### **Quadro 1 – Relação dos núcleos e subnúcleos**

#### **Núcleo 1: Vivências de leitura**

- 1.1) Na infância
- 1.2) Na adolescência
- 1.3) Atualmente

#### **Núcleo 2: Práticas de leitura na escola**

- 2.1) O(a) professor(a) de literatura
- 2.2) Outras experiências
  - 2.2.1) Anos iniciais do Ensino Fundamental
  - 2.2.2) Anos finais do Ensino Fundamental
  - 2.2.3) Ensino Médio
  - 2.2.4) Cursinho

#### **Núcleo 3: Família**

- 3.1) Pai
- 3.2) Mãe
- 3.3) Avós
- 3.4) Tios
- 3.5) Madrinha
- 3.6) Irmã

#### **Núcleo 4: Amigos**

#### **Núcleo 5: Namorado**

#### **Núcleo 6: Acesso aos livros**

- 7.1) Incentivo da família
- 7.2) A prática de ir à biblioteca

#### **Núcleo 7: O impacto da leitura**

A seguir, são apresentadas as descrições dos núcleos e subnúcleos, assim como as falas dos sujeitos consideradas representativas de seus conteúdos. O quadro completo com todas as falas que compõem os Núcleos Temáticos encontra-se em anexo

### **4.1- Descrição dos resultados**

NÚCLEO 1: Vivências de leitura

Este núcleo reúne as falas dos sujeitos em que eles se caracterizam enquanto leitores, descrevendo seus hábitos e gostos de leitura. Esses relatos narram suas vivências de leitura desvinculadas da instituição escolar e estão organizados cronologicamente em três subnúcleos: “Na infância”, “Na adolescência” e “Atualmente”.

### 1.1) Na infância

Os sujeitos contam que, quando eram crianças, liam gibis e histórias infantis. O Sujeito 1 fala sobre sua coleção de gibis da Turma da Mônica e conta que um dos primeiros livros do qual ele se lembra é “O guia do cientista do Franjinha”. Este livro foi um presente de seu pai e falava sobre ciências, utilizando personagens da Turma da Mônica.

*“Foi um dos primeiros livros que eu tenho até guardado hoje que é o “Guia do cientista do Franjinha”, alguma coisa assim, sabe? Que era...mexia com essa parte e também do gosto que eu tinha com a Mônica.”* (Sujeito 1, entrevista 1)

As lembranças que o Sujeito 2 tem deste período são de pequenos livros, com histórias curtas que traziam curiosidades e informações sobre algum tema. Ela fala sobre os livros que pegava na biblioteca e sobre o gosto que tinha pelos estudos, que a motivava a ler mais.

*“Eu lembro que eu peguei até uma coleção do Egito para ler, sobre a cultura egípcia....Pegava várias historinhas.”* (Sujeito 2, entrevista 1)

O Sujeito 3 também recordou-se dos gibis da *Turma da Mônica* que costumava ler, em geral trazidos pelo seu pai. Além disso, ela descreve uma coleção de livros sobre a história dos personagens da *Turma*, que eram feitos no formato desses personagens. Esses livros eram lidos por sua mãe, quando ela ainda não sabia ler, e depois ela passou a relê-los sozinha.

Contou também sobre coleções de livro com histórias da Disney, os quais a cativaram tanto pela beleza do material quanto pelas histórias, que ela já conhecia e de que gostava.

*“Tinha outro que eu gostava muito e esse eu ganhei da minha madrinha, ganhei quando eu tinha seis anos: era uma caixinha, assim, você abria e tocava uma musiquinha, ai tinha vários livros dentro, da Disney. Tinha outro também que eu gostava muito dele, que eu acho que foi minha mãe que comprou... Não, foi alguma tia minha que me deu. Ela deu igual pra mim e pra minha prima também, só que minha prima ignorou o livro. Era um livro bem grandão, da Disney também, que tinha umas dez histórias da Disney. Esse livro eu tenho até hoje lá em casa e, nossa, eu adoro ele. Ele é lindo, sabe?! Tem todas as histórias... eu lia muito ele! Sempre pegava e relia várias vezes.”* (Sujeito 1, entrevista 1)

Os sujeitos descrevem livros bonitos e atrativos, que traziam histórias que lhes prendiam a atenção. Assim, esses relatos mostram que, durante a infância, os sujeitos tiveram acesso a materiais adequados a suas idades.

## 1.2) Na adolescência

Neste período, os sujeitos transitavam entre livros infanto-juvenis e livros clássicos. O Sujeito 1 conta sobre o livro “Espumas Flutuantes”, de Castro Alves, que foi o primeiro livro clássico que ele leu, por recomendação de seu professor de literatura. Apaixonou-se por esse livro e quis conhecer outras obras do autor e do Romantismo, desencadeando assim uma série de leituras.

*“Então, acho que esse foi o primeiro contato que eu tive lá pela oitava série e aí foi um atrás do outro: então, depois de Espumas Flutuantes eu me apaixonei por Castro Alves e aí fui ler “Os escravos”. Aí continuando dentro do Romantismo, eu falei “não, mas de onde começou? Ah, começou com Goethe”, então corri atrás pra ler Goethe também, sabe? Aí me apaixonei pelo Iluminismo Germânico e já fui puxando Schiller, Hölderlin, que são outros artistas também...Aí foi...a literatura, assim, uma coisa puxa a outra, um autor cita o outro. Então, aí foi desenvolvendo...” (Sujeito 1, entrevista 1)*

Para o Sujeito 2, um livro marcante dessa época de sua vida foi “Admirável mundo novo”, de Aldous Huxley.

*“Foi o primeiro livro que li que era marcado num aspecto crítico. Foi numa época que eu estava no 2º ano do ensino médio, com 16 anos, que é uma época de transição. É uma época que você começa a caminhar para a vida adulta e começa a pegar aspectos críticos sobre o mundo, sobre a forma como você se vê... E é um livro que faz uma crítica à sociedade, ao modo de vida. Então, aquilo foi muito marcante e eu achei muito interessante.” (Sujeito*

2, entrevista 1)

Ela falou também sobre a escolha dos livros que lia. Contou que foi bastante orientada por uma reportagem que trazia uma relação de livros fundamentais para se conhecer a literatura. Também utilizava o site *Skoob*, onde pôde anotar os livros que já leu, quais pretende ler e receber indicações de livros que se encaixam em suas preferências.

*“Outra coisa que também me ajudou foi uma reportagem que saiu- não lembro em qual revista- que falava dos clássicos da literatura e aí tinha uma árvore, assim. Nessa árvore falava “comece pelo clássico X”, aí esse livro leva a esse, leva a esse, leva aquele... E eu anotei todos os livros que estavam nessas árvores. Eram quatro árvores diferentes, com quatro temas. Aí eu comecei a pesquisar e a descobrir outras coisas. Foi acumulando,né! Aí, mesmo que eu não tenha lido tudo, eu tenho uma boa visão geral da literatura, do contexto histórico, dos autores... Aí eu tenho uma cópia dessas árvores e depois eu passei pro *Skoob*, anotei lá “vou ler”. (Sujeito 2, entrevista 1)*

O Sujeito 3, fora as leituras da escola, lia romances adolescentes, como os da escritora Meg Cabot. Além disso, conta que adorava a coleção do Harry Potter e lia outros romances de best-seller.

*“Nessa época eu lia muito Harry Potter, muito. Eu cheguei a comprar todos os Harry Potter. Eu lia muito romance, lia muito romance juvenil, sabe? Tinha uma autora que eu gostava muito que era Meg Cabot. Ela faz muito esses romancinhos, assim, bem*

*adolescente, sabe? Eu gostava, assim, esses livros iam em três dias. Eu lia em três dias, fácil assim. E ainda quando que estava na época de aula, nossa, qualquer tempinho que eu tinha, eu aproveitava pra ler. Às vezes até no carro, enquanto eu voltava pra casa, assim, eu lia, porque eu ficava muito viciada.” (Sujeito 3, entrevista 1)*

Quando adolescentes, os sujeitos tinham envolvimento com a leitura muito intenso. Passaram a ter mais autonomia para escolha dos livros e dispunham de muito tempo para dedicarem-se à leitura, de modo que liam um livro após o outro.

### 1.3) Atualmente

Este subnúcleo descreve a rotina atual de leitura dos sujeitos, a qual precisa dividir tempo e ser conciliada com suas atividades de graduação. Eles comentam que já não têm tantos momentos livres para que possam dedicar-se à leitura, já que os estudos e outras atividades acadêmicas ocupam muito de seus tempos.

O Sujeito 1 diz que, para contornar a falta de tempo, sempre carrega algum livro em sua mochila, de modo que pode ler um pouco em alguns momentos ao longo do dia, como no horário de almoço ou no intervalo entre as aulas. Ele também passou a dedicar-se à leitura de histórias em quadrinhos, um tipo de material que o encantou e que pode ser lido de maneira mais dinâmica.

*“E eu me apaixonei pelo tipo de material (o das histórias em quadrinho) mesmo! Acho que é um tipo de material... como eu posso falar? Ele deixa sua imaginação fluir bastante também, né, e a forma de como ele é feito, sabe? A mensagem que ele*

*consegue passar através das imagens... é muito rica também, sabe? Então, eu não sei falar o que me atrai mais: se é esse material ou se é o dos livros. O que eu sei é que eu consegui aproveitar muito dos dois (...). E eu tenho focado minha leitura mais para as histórias em quadrinhos, porque é uma leitura muito mais rápida que eu consigo fazer.”* (Sujeito 1, entrevista 2)

Para o Sujeito 2, que cursa Letras, é difícil se desprender dos estudos e das leituras da faculdade para poder ler simplesmente por hobby. Ela diz que tem lido muitos textos sobre crítica e teoria literária.

*“Ultimamente, não tenho tido tempo. Eu estava priorizando mais as leituras da faculdade mesmo. Não por uma questão de tempo, porque tempo, se a gente se organizar, a gente consegue fazer todas as coisas. Mas é por uma questão de cansaço mental. porque mesmo que eu vá ler um romance, que não seja denso, você já tá tão cansado de absorver tanta informação, que você fala “não, eu vou descansar”.* (Sujeito 2, entrevista 1)

Em comparação com a época em que fazia cursinho, o Sujeito 3 acredita que atualmente tem mais tempo e disposição para ler. Ela diz que diminuiu o ritmo em relação ao período do Ensino Médio, mas que consegue conciliar os estudos com a leitura. Procura ler em períodos que não tem prova, alternando entre um livro de ficção e um livro de história ou filosofia.

*“Agora eu acabei O primo Basílio e comecei A moreninha, mas tá acabando já. Aí na semana que vem, que não tem aula, eu*

*quero já começar... Eu vou começar a ler ou um do Cortella que meu namorado me deu ou um de um historiador (...). Devo começar a ler ou esse ou o do Cortella, porque eu tô tentando equilibrar: um livro de ficção e um livro mais assim. (...) é, eu consigo. Mas, por exemplo, A moreninha, quando foi a última vez que peguei nele? Ah, foi quando eu terminei minha última prova, na semana passada, e consegui pegar ele pra ler, porque não tinha nada pra estudar. Mas desde então eu não peguei mais nele, porque o final de semana foi muito corrido.” (Sujeito 3, entrevista 1)*

Apesar de não terem mantido o mesmo ritmo de leitura que tinham na época do colégio, os sujeitos ainda buscam a leitura como um hobby. Os relatos mostram que eles sentem falta desta atividade e, por isso, procuram organizar seus horários de modo que consigam dedicar-se à leitura.

## NÚCLEO 2- Práticas de leitura na escola

Neste núcleo estão descritas as práticas de leitura que os sujeitos vivenciaram na escola, organizadas em dois subnúcleos. O primeiro subnúcleo, “O(a) professor(a) de literatura”, trata de um professor marcante para cada um dos sujeitos. O segundo, “Outras experiências”, divide-se em quatro itens, cada qual apresentando as vivências de uma fase da vida escolar.

### 2.1) O(a) professor(a) de literatura

Neste subnúcleo estão reunidas falas que evidenciam a influência os professores de literatura do Ensino Médio tiveram sobre os hábitos de leitura dos sujeitos. Nos relatos, eles afirmam que esta era uma fase de transição em suas vidas, da adolescência

para a vida adulta ou da escola para a universidade, e isto se refletiu também no amadurecimento da leitura feita por eles. O professor de literatura foi responsável por guiar esta transição e orientar os sujeitos, por exemplo, na leitura dos clássicos.

*“E foi bem com a inserção desse meu professor, que começou a passar mais essa leitura de mais clássicos, assim, e eu já era mais maduro para aceitar isso, assim.”* (Sujeito 1, entrevista 1)

O primeiro contato do Sujeito 1 com este professor de literatura foi na 8ª série e continuou durante o Ensino Médio. Ele conta que o professor percebia quais eram seus interesses e, levando isso em consideração, indicava livros que lhe foram marcantes.

O professor do Sujeito 2 intercalou as leituras obrigatórias do vestibular com outros livros que trouxessem temas para discussão e reflexão. Ela diz que esta experiência foi marcante e que contribuiu para sua compreensão da literatura.

*“Mas o meu professor que era responsável por passar as leituras para gente do vestibular... Ele fez uma lista de modo que, quando a gente chegasse no terceiro, a gente tivesse todos os livros do vestibular da FUVEST e da Unicamp, mas intercalado com outros. Livros diferentes: O Auto da Compadecida, Cabeça de porco, que é um livro sobre uma experiência na favela. Passou Carandiru, do Draúzio Varella, sobre a experiência carcerária, passou Admirável Mundo Novo, passou Albert Camus, que também é um escritor que eu gosto disso e que comecei a ler por conta disso.”* (Sujeito 2, entrevista 1)

O Sujeito 3 relata que sua professora de literatura explicava com grande paixão sobre os livros, os autores e as escolas literárias. Essa paixão despertava a curiosidade

do sujeito, que passou a buscar os livros sobre os quais a professora falava. Ela diz que, nessa fase, ela mudou muito seu estilo de leitura e que, se pode compreender e desfrutar dos clássicos, foi devido ao apoio da professora.

*“Não lembro que outros eu comprei, mas eu li mais outros ainda... E era porque ela falava, sabe? Machado eu li no 2º ano, quando a gente estudou Realismo, né. Eu não gostava tanto, mas gostei muito do Dom Casmurro. Mas só porque ela fez um estudo do Dom Casmurro com a gente. Ela era sensacional! Ela falava muito, ela explicava muito bem! E aí fazia muito sentido, sabe?! Quando eu ia lá e lia o livro...”* (Sujeito 3, entrevista 1)

Esses professores orientaram os sujeitos em um momento que deixavam a literatura infanto-juvenil e passavam a ler os clássicos. Os relatos demonstram que as exposições feitas pelos professores, acerca dos autores e suas obras, foi fundamental para que pudessem apreciar a leitura desses clássicos. Eles comentam ainda que muitos de seus colegas de classe não gostavam dessas aulas de literatura, o que eles justificam pelo fato de que eles, os sujeitos, já tinham interesse prévio pela leitura, cultivado desde a infância.

## 2.2) Outras experiências

Este subnúcleo divide-se em quatro itens: “Anos iniciais do Ensino Fundamental”, “Anos finais do Ensino Fundamental”, “Ensino Médio” e “Cursinho”. Esses itens descrevem as experiências que os sujeitos tiveram com a leitura nas diferentes fases de suas vidas escolares.

### 2.2.1) Anos iniciais do Ensino Fundamental

O Sujeito 1 diz que, nesta época, não gostava dos livros indicados pelas professoras, porque, segundo ele, tratavam-se de adaptações ruins de obras clássicas.

*“Então, eu lembro que as leituras que tinha eram aquelas leituras adaptadas. Eu lembro de lá pela 4ª série, 5ª também, sempre foi de ler...tinha “A megera domada”, de Shakespeare mesmo, mas era tudo leitura adaptada (...). E eu lembro que eu achava um saco, assim, esse tipo de leitura. Com sinceridade, eu achava muito chato, muito chato”* (Sujeito 1, entrevista 1)

Por outro lado, os sujeitos 2 e 3 tiveram experiências melhores durante os anos iniciais do Ensino Fundamental. O Sujeito 2 reconhece suas professoras desse período como uma influência em sua formação enquanto leitora, já que elas orientavam idas à biblioteca da escola e estimulavam a leitura.

*“E acredito também que as professoras... Assim, que felicidade eu tive de no ensino fundamental, elas estimulavam a ir na biblioteca, pegar livro, orientavam a como escolher o livro.”*  
(Sujeito 2, entrevista 1)

Na escola do Sujeito 3, as professoras indicavam um livro de leitura obrigatória por bimestre e realizavam uma prova sobre aquele livro. Apesar do caráter obrigatório, ela, em geral, gostava das leituras por serem livros interessantes. Ela fala também sobre a facilidade com que conseguia esses livros, devido ao fato de sua mãe ser professora no colégio onde ela estudava.

*“Uhhh, na escola... Então, no Fundamental I, a gente tinha um livro por mês que tinha que ler. Não, um livro a cada dois meses*

*e tinha a provinha e aquela coisas, né. Eu sempre lia, né. E minha mãe conseguia de graça os livros pra mim, porque ela era professora, né, então a editora mandava pros professores. Então, eu sempre tinha os livros. Mas, assim, dificilmente eu não gostava de um dos livros dos colégio, sabe? Eu sempre me interessava. Foi um ou outro que eu li com muito sacrifício... Por exemplo, quando minha mãe foi minha professora, ela passou um livro de poema. Nossa, eu não gostava, sabe? Esse foi um livro que eu li meio assim... Mas os outros, eu lia com gosto. Depois eu acabava indo bem na provinha que eles faziam e tudo mais.” (Sujeito 3, entrevista 1)*

É válido lembrar que essas experiências na escola não eram o único contato que os sujeitos tinham com a leitura. Esta foi a fase de suas vidas em que as atividades relacionadas à leitura aconteciam mais intensamente no ambiente familiar, como as leituras compartilhadas e os passeios em livrarias, bibliotecas e feiras literárias. Deste modo, a escola configurava-se como um contato a mais com a leitura, não como um meio único de acesso a ela.

#### 2.2.2) Anos finais do Ensino Fundamental

O Sujeito 1 diz que, nos anos finais de seu Ensino Fundamental, continuou-se a indicar a leitura de adaptações, estilo de livro que não lhe agradava muito. As atividades de leitura resumiam-se à leitura individual e à apresentação de seminários sobre o livro, que costumava ser feita em grupo.

*“Principalmente de livros que os professores passavam para a gente ler todo semestre e tal. Aí a gente tinha esse número de*

*livros para ler, aí juntava em grupos e ia lá na frente e fazia um seminário sobre o livro, esse tipo de coisa. Acho que esse foi o maior contato assim que eu tive de literatura na escola.” (Sujeito 1, entrevista 2)*

Para o Sujeito 2, a passagem para o Fundamental II foi uma ruptura em seu contato com os livros devido à troca de escola. Diferentemente da escola onde cursara os anos iniciais, nessa nova escola o acesso à biblioteca era muito restrito.

*“Da quinta à oitava série... É, eu mudei de escola, daquela que a professora levava a gente na biblioteca. Eu lembro que nessa nova escola tinha uma restrição muito grande pra gente pegar livro na biblioteca (...). Eu lembro de na 5ª série querer pegar um livro de poemas e a moça da biblioteca falar para mim “ó, esse você não vai levar, porque você não tem idade para ler”. Mas não porque tinha algum conteúdo impróprio, mas porque ela achou que a complexidade eu não ia conseguir compreender. E eram poemas do Paulo Leminski, que é o meu poeta preferido até hoje.” (Sujeito 2, entrevista 1)*

O Sujeito 3, apesar de ter permanecido na mesma escola, narra uma experiência em que a mudança de professor trouxe impactos negativos. Esse professor solicitou a leitura de *O Alienista*, de Machado de Assis, em um momento que ela não se sentia preparada para compreender tal leitura.

*“Eu só tive trauma com um livro do colégio. Foi assim, quando eu estava na oitava série, meu professor passou O Alienista pra gente ler e, até então, eu não tinha começado a ler esses*

*clássicos. Eu não tinha contato com essa linguagem, a gente estava sempre lendo esses, A droga da obediência, sabe? Ai ele passou O Alienista que é do Machado! Eu não entendi a linguagem, sabe? Pra mim, foi um livro que eu não gostei. Talvez, se eu ler hoje, eu mude muito essa visão, mas na época eu não gostei. Porque eu não entendia muito bem, sabe? Ai eu tive esse problema, mas foi só com O Alienista. E meu professor da oitava série era muito ruim, o de português, então esse livro ficou meio, assim, jogado ao vento.” (Sujeito 3, entrevista 1)*

O conteúdo de outros núcleos, como o *Acesso aos livros*, e o *Vivências de leitura*, que se seguirão a este, mostra que essas experiências escolares têm caráter secundário no contato dos sujeitos com a leitura. Grande parte dos relatos deste núcleo descrevem atividades de leitura desmotivantes, pelas quais os sujeitos não se sentiam envolvidos. Além disso, há relatos em que a maneira com que a escola aborda a leitura dificultou o acesso do sujeito aos livros, como a restrição do uso da biblioteca, ou ainda experiências caracterizadas como “traumáticas”.

### 2.2.3) Ensino Médio

As práticas de leitura vivenciadas durante o Ensino Médio estão descritas no subnúcleo *O(a) professor(a) de literatura*. Contudo, os relatos dos sujeitos 1 e 2 trazem informações sobre o acesso à biblioteca de suas escolas neste período, as quais estão reunidas neste item.

*“Eu tive a sorte de que até o Ensino Médio eu estudei numa escola que tinha uma infraestrutura muito boa e tinha uma biblioteca muito grande.” (Sujeito 1, entrevista 2)*

*“Agora no meu Ensino Médio, tinha uma biblioteca que você podia ir a hora que você quisesse.”* (Sujeito 2, entrevista 1)

Essa questão do acesso à biblioteca escolar foi especialmente marcante para o Sujeito 2, que passou quatro anos de seu Ensino Fundamental sem poder frequentar esse espaço. Ela mudou-se para uma escola particular e lá pôde acessar livremente os livros da biblioteca.

#### 2.2.4) Cursinho

O Sujeito 3 frequentou o cursinho pré-vestibular por dois anos e lá teve professores de história e literatura que lhe estimularam a ler mais. Ela diz que, no cursinho, passou a gostar mais de humanas, porque teve esses bons professores e, com isso, passou a interessar-se mais por livros de história ou de filosofia.

*“Ah, acho que eu esqueci de te falar, mas a época do cursinho também foi um pouco importante pra mim. No sentido desses livros mais culturais, porque os meus professores de histórias, os professores mais de humanas... Eu tive professores ótimos, excelentes, e eles sempre recomendavam livros. Tanto que eu tenho anotado numa agenda que eu preciso ler que eles recomendaram e que eu pretendia ler quando eu entrasse na faculdade. Ai ainda não li todos (risos). Mas tá anotado lá!”*

(Sujeito 3, entrevista 1)

Esses professores cativaram o interesse do sujeito por novos temas, como a história. Dessa maneira, estimularam-na a buscar uma leitura diferenciada daquela com que estava acostumada.

### Núcleo 3: Família

Este núcleo agrupa as falas sobre membros da família que, na visão dos sujeitos, os influenciaram em seu processo de constituição como leitores. Cada subnúcleo diz respeito a diferentes membros da família- pai, mãe, avós, tios, madrinha e irmã- e descreve a relação dos sujeitos com essas pessoas bem como as situações de mediação por elas proporcionadas.

#### 3.1) Pai

A figura do pai esteve presente nos relatos dos três sujeitos, embora de maneiras distintas. O Sujeito 1 conta que, com seu pai, aprendeu a valorizar os livros, pois via as estantes do pai repletas de livros e percebia a beleza daquele material.

*“Então, acho que talvez a primeira coisa assim, principalmente quando eu era pequeno, era o gosto que o meu pai tinha por livros. Ele tem uma mini biblioteca lá em casa e acho que o que primeiro me motivou como leitor talvez foi esse gosto dele, né. Então, na verdade, muito antes de eu pegar livros para ler, ele já me mostrou o quanto era bonito ter a prateleira com vários livros e tal, o quanto que era bacana, era legal. Então isso foi crescendo desde pequenininho com esse pensamento. Então acho que isso favoreceu bastante minha leitura assim por parte do meu pai.”*

(Sujeito 1, entrevista 1)

Além disso, o pai buscava trazer materiais de leitura que pudessem interessar o filho.

*“Mas aí ele foi lá e ele achou... foi um dos primeiros livros que eu tenho até guardado hoje que é o “Guia do cientista do Franjinha”, alguma coisa assim, sabe? Que era...mexia com essa parte e também do gosto que eu tinha com a Mônica.” (Sujeito 1, entrevista 1)*

O Sujeito 2 relata que via o pai lendo e sentia-se curiosa ao vê-lo tão envolvido nessa atividade. Com isso, ela sentia-se se motivada a ler também.

*“E eu sempre via ele, tranquilo. Sempre muito tranquilo lendo os livros. Acho que eu sempre pensava “Nossa, que legal! Que será que deve ser isso?” Então, ele me fez criar esse gosto.” (Sujeito 2, entrevista 2)*

Além disso, em sua infância, o pai contava histórias para ela antes de dormir, às vezes retiradas de livros e às vezes inventadas. Também proporcionava o acesso a livros, levando-a à biblioteca municipal.

*“Meu pai contava muita história, antes de dormir, né. Ele inventava mesmo... Às vezes nem pegava livro, às vezes pegava também.” (Sujeito 2, entrevista 2)*

O Sujeito 3 diz que, apesar de seu pai não gostar de ler, ele sempre se esforçou para que ela tivesse livros e preocupava-se em valorizar o hábito de leitura na filha.

*“Meu pai me influenciou, não porque ele lia, mas porque ele comprava livros para mim sempre que eu pedia...ele trocava gibi pra mim, ele se esforçava bastante para eu sempre ter alguma*

*coisa para ler, apesar dele mesmo não gostar.”* (Sujeito 3, entrevista 1)

Nota-se que os pais destes sujeitos foram presentes na constituição dos filhos enquanto leitores. Os relatos mostram que os pais tentavam aproximar os filhos da leitura de maneira intencional, incentivando-os a lerem e comprando livros. Mas também mostram que, às vezes, esta influência se dá de maneira involuntária, como no caso dos relatos em que os sujeitos, apenas por verem seus pais lendo, já se sentiam instigados a envolverem-se nesta atividade.

### 3.2) Mãe

Neste subnúcleo estão reunidas falas dos sujeitos 1 e 3 sobre a relação de suas mães com a leitura e as experiências de mediação por elas proporcionadas.

O Sujeito 1 relata que sua mãe gosta de ler, mas que não lê tanto quanto seu pai. No entanto, sua mãe tinha mais tempo disponível para levá-lo a livrarias, bibliotecas e feiras de livros, de forma que ele entende que este foi o papel principal dela em sua formação de leitor.

*“Então, uma coisa que dá para acrescentar sobre a minha mãe é que, mais na minha infância assim, o meu pai trabalhava bastante e às vezes viajava bastante também. Então, quem que conseguia sair com a gente, pra levar na biblioteca, pra levar nessas feiras do livro, sempre foi a minha mãe.”* (Sujeito 1, entrevista 2)

O Sujeito 3 diz que a sua mãe gosta de ler e que ela sempre comenta sobre os livros que gostou e que lia na juventude. Além disso, a mãe tinha o hábito de ler para ela quando era criança.

*“Ela lia bastante antes de eu dormir... Não era todo dia, mas era frequentemente que ela lia pra mim. E agora, outros livros eu não lembro... Eu lembro muito das imagens, sabe? Mas das histórias eu não lembro. Eram muitos e eu tinha até outro dia em casa, sabe? (Sujeito 3, entrevista 1)*

*“Mas, assim, ela estava sempre falando pra mim dos hábitos de leitura dela e, de pequena, que tem história que eu lembro até hoje.” (Sujeito 3, entrevista 2)*

A mãe também era uma pessoa com quem ela poderia discutir os livros que lia e pedir sugestões para novas leituras.

*“Então, quando eu cheguei na adolescência e comecei a ler mais, tipo, esses livros clássicos. Ai eu falava “ah, mãe, eu quero ler esse livro do José de Alencar”, porque eu comecei a gostar dele também. E ela falava “ah, esse livro! É assim...”. Então, ela conversava bastante de livro comigo também. Ela falava “Ah, eu até tinha esse livro, vou procurar para você”. Ela sempre falava que tinha um livro do José de Alencar, que ela gostou muito, que chamava Helena. (Sujeito 3, entrevista 1)*

Por estes relatos, vê-se que as mães dos sujeitos 1 e 3 preocupavam-se em motivar seus filhos a lerem, mobilizando-se em atividades cuja a questão central era a leitura.

### 3.3) Avós

Aqui estão reunidas as falas sobre os avós, paternos e maternos, enquanto mediadores dos sujeitos com a leitura. O Sujeito 1 relata sua admiração pelo avô materno, que, apesar de ter baixa escolaridade, havia adquirido muito conhecimento através dos livros.

*“Eu cresci muito vendo isso da parte do meu avô também, né. O quanto que ele sem escolaridade, mas o quanto de conhecimento que ele adquiriu só procurando livros de história... livros muitas vezes falando de alguma coisa relacionado a ciência...”* (Sujeito 1, entrevista 1)

O Sujeito explica que, quando criança, sempre via o avô lendo, o que o motivava a ler também. Conforme foi crescendo, passou a conversar sobre livros com o avô, que lhe recomendava algumas leituras.

*“Acho que conforme eu fui crescendo também ele começou a me indicar livros também, sabe? Eu lembro também de livros extremamente antigos que ele remendava tudo no durex que ele tinha lá. Mas eu lembro dele falar assim “ó, esse livro aqui é muito bom, pega um dia para ler.”* (Sujeito 1, entrevista 2)

O Sujeito 3 traz relatos sobre suas duas avós. A avó paterna estudou até a 4<sup>a</sup>

série, sabe ler, mas escreve com dificuldade. Segundo o Sujeito, ela gosta de ler, mas não o faz com tanta frequência e não sente necessidade de sempre ter algum livro para ler.

*“Ela (a avó paterna)... Ela lê, mas não é uma necessidade pra ela. Tipo “ah, terminei um, vou começar outro”. Quando tem lá, que alguma prima dela traz, deixam lá, ai ela lê. Ela até me fala depois. Ela chegou a me dar um, que ela achou no armário. Ela leu, gostou e falou “ah, você não quer ler?”. Era um bem pequenininho, era bonitinho. Mas ela não corre atrás, sabe? Se tá lá, ela lê, mas ela não sai pra comprar um livro. Ela bastante, tipo, aqueles livros do padre Marcelo, sabe? E ela tá sempre relendo. Ai ela vem comentar comigo, fala de tal trecho... Ela às vezes conversa comigo sobre isso.” (Sujeito 3, entrevista 1)*

Sobre a avó materna, ela diz que esta não gosta de ler, mas que tem muitos livros da família guardados em casa. Portanto, a casa da avó materna era um local onde o Sujeito poderia buscar materiais de leitura.

*“Na minha avó materna também tem muito livro guardado, da época de colégio da minha mãe e das minhas tias, porque são quatro irmãs, né. Ai fica tudo lá guardado e já peguei muito livro lá. Eu pegava, né, porque os bons eu já peguei e os que estão lá agora não me interessam. Essa avó não gosta muito de ler, mas lá na casa dela tem muitos livros, porque minhas tias e minha mãe deixaram...Tem até livro de sobrinho dela! Não sei como foi parar lá! E minha avó guarda tudo, então está lá. E eu peguei*

*muito livro lá. O primo Basílio eu peguei de lá.”* (Sujeito 3, entrevista 1)

Para estes sujeitos, os avós leitores são motivo de admiração e um exemplo do quanto se pode aprender através da leitura. Estas memórias foram relatadas com bastante emoção, sendo que muito disto deve-se à proximidade dos sujeitos com seus avós. Mesmo no caso da avó que não tinha o hábito de ler, o fato de ela guardar livros da família possibilitou momentos de contato com a leitura ao Sujeito 3.

#### 3.4) Tios

Neste núcleo encontram-se as falas do Sujeito 2 sobre uma de suas tias, com quem tinha uma relação próxima e que era uma companhia para discussões sobre literatura e para compra de livros. Ela conta que se aproximou dessa tia depois de lhe emprestar uma coleção de livros.

*“Ai eu levei essa coleção pra casa da minha avó, que era onde meus familiares se encontravam e era onde eu encontrava com essa tia também. Quando eu era criança, a gente não era tão próxima, né. Porque ela é uma pessoa difícil, ai ela já grita e geralmente criança não gosta, né. Ai ela me pediu esses livros emprestados. Ai ela leu e depois me contou o que ela achou. E eu também comecei a ler mais, né, a ler coisas mais difíceis.”*

(Sujeito 2, entrevista 2)

Conforme o Sujeito 2 crescia e lia livros mais complexos, a proximidade com esta tia aumentou, já que as duas perceberam que tinham gostos parecidos. Apesar de

morarem em cidades diferentes, elas frequentemente conversavam sobre suas leituras, compravam livros juntas e a tia doava muitos de seus livros para o Sujeito 2.

*“Quando eu comecei a procurar na internet sobre livros e a fuçar nas bibliotecas, eu percebi que a gente tinha gostos parecidos . Mas assim, sem saber que ela gostava...Então, a gente começou a ter essa troca de informações, começou a emprestar livros uma pra outra.”* (Sujeito 2, entrevista 1)

Também estão neste núcleo os relatos do Sujeito 3 sobre suas tias, com quem ela passou a trocar informações sobre livros mais recentemente.

*“Ai a gente conversa e ela até queria comprar um pra mim. Ela sempre pega essas promoções na internet e pergunta “ah, você tem ta?”. E eu falo pra ela que não precisa, porque eu não quero que ela fique gastando (risos). Mas ela sempre se oferece, sabe, pra comprar ou pra emprestar livros. E a gente sempre conversa bastante.”* (Sujeito 3, entrevista 1)

Estes relatos mostram que suas tias tornaram-se companhias para a discussão de livros em momentos em que os sujeitos já haviam desenvolvido o gosto pela leitura. Desta forma, essas tias proporcionaram novas leituras, através da indicação e do empréstimo de livros. Além disso, foram companhias com quem se podia conversar sobre as leituras.

### 3.5) Madrinha

O Sujeito 3 falou sobre a relação com sua madrinha, de quem ganhava livros quando era criança.

*“Quando eu era menor, a gente se via mais. E ela... Ela me deu alguns livros também. Principalmente em amigo secreto, vários anos ela me tirou e me dava livro. Por exemplo, ano passado ela me tirou e me deu um livro. E ela pedia livro emprestado pra mim, ela pegou Harry Potter emprestado de mim... E depois a gente conversava sobre... Ela me recomendou aquele do Código Da Vinci, sabe? Ela falava “ah, é muito bom! Passei a noite lendo, posso te emprestar”. Então, eu cheguei a conversar bastante com ela sobre isso, assim.” (Sujeito 3, entrevista 1)*

O Sujeito 3 tinha mais contato com essa madrinha durante a infância, época em que ela lhe deu muitos livros de presente. Em sua adolescência e atualmente, pelo fato de o Sujeito ter mais compromissos, os encontros com a madrinha ficaram menos frequentes, mas elas ainda conversavam sobre livros e trocavam recomendações.

### 3.6) Irmã

Neste subnúcleo, encontram-se as falas do Sujeito 1 sobre sua irmã mais nova. Ele fala sobre a cumplicidade que tinha com a irmã e também mostra sua preocupação em sempre incentivá-la a ler. Conta que tentou mostrar à irmã a beleza dos livros, assim como seu pai fez com ele.

*“Eu gosto muito de me relacionar com minha irmã, com meus pais e aí falei “Não, eu vou querer introduzir... Fazer um pouco o que o meu pai fez comigo, vou fazer com minha irmã também.”*

*Queria mostrar para ela como isso é bacana.” (Sujeito 1, entrevista 1)*

Assim, ele buscava conversar com sua irmã sobre os livros que ela estava lendo e encorajá-la a ler mais. Um episódio narrado por ele trata de uma coleção de livros que os dois fizeram juntos.

*“E aí ela começou a ler, é, aquele Percy Jackson, o ladrão de raios... e tal. Ai ela leu o primeiro livro, leu o segundo livro e parou. E ficou parado lá em casa, né*

*Aí eu tava de férias também, uma época, ai eu falei “ah, vou pegar também para dar uma leitura, né. Para ver o que que minha irmã tá lendo.” Aí eu peguei, li, gostei bastante do livro também. E ai eu falei “Você leu só dois livros, mas que que você acha da gente completar a coleção e tal?” Aí teve um mês que eu ia lá e comprava um livro, outro mês ela ia lá e comprava outro livro e a gente foi lendo junto assim. Então, foi bem gostoso assim...” (Sujeito 1, entrevista 1)*

Além disso, ele conta que a irmã gostava muito de escrever. Ela inventava histórias e, conforme escrevia alguns capítulos, mostrava-os para a família. Segundo o sujeito, esse hábito da irmã foi fortemente incentivado pelos pais.

*“Então, ela escrevia um capítulo, imprimia e colocava lá na escrivaninha para mostrar para minha mãe, pro meu pai e pra mim também. E sempre fui muito legal que às vezes meus avós iam para casa também e minha mãe falava “Não, filha! Pega lá para mostrar pro vovô o que que você fez.” (Sujeito 1, entrevista*

*2)*

Estes relatos, além de retratarem relação do Sujeito 1 com sua irmã, mostram também que ele compartilhou momentos com sua família em que a leitura era colocada em foco. Ele relata que sua preocupação com a formação da irmã enquanto leitora partiu de sua própria experiência com o pai e ainda descreve uma situação em que ele, sua mãe, seu pai e seu avô mobilizam-se para incentivar a irmã a escrever histórias.

#### Núcleo 4: Amigos

Neste núcleo estão agrupadas as falas dos Sujeitos 2 e 3 sobre seus amigos leitores. O Sujeito 2 contou que criou um blog de resenha de livros com uma de suas amigas, no qual elas discutem sobre quais de suas leituras devem publicar no site e trocam livros.

*“Tenho também uma amiga... Aliás, das minhas melhores amigas, todas gostam de ler. Tem uma que faz jornalismo e com ela eu tenho um blog de literatura. Antes eu escrevia e agora eu faço vídeos. A gente troca muita informação, assim, e ela mora no Nordeste, né, aí eu mando meus livros pra ela e ela manda os delas pra mim. Então, a gente troca os livros, a gente discute muito o que que vai colocar no blog. E o blog tem parceria com editora, então a gente decide juntas se tal livro vale a pena a gente pegar...”* (Sujeito 2, entrevista 2)

O Sujeito 3 diz que grande parte de seus amigos não tem o hábito de ler, mas que, com aqueles que têm, ela costumou trocar informações sobre as leituras. Lembrou-se de amigas que, na infância, gostaram das mesmas coleções de livros que ela, como o

*Diário da Princesa e Harry Potter*. Recordou-se, também, de amigos do Ensino Médio e do Cursinho com que discutia os livros de literatura clássica.

*“É, amizade, acho que foram umas três, quatro. Mas que foram muito importantes também, porque estimula quando você conversa com alguém sobre o livro. Ou quando alguém recomenda... Muito livro que eu li foi por recomendação ou alguém que me emprestou também.”* (Sujeito 3, entrevista 1)

A partir dos relatos deste núcleo, nota-se que, ao mesmo tempo em que essas amizades favoreceram o contato com a leitura, a paixão pelos livros também foi responsável por aproximar essas amizades, através do envolvimento de atividades comuns, como discussões e escrita de resenhas.

#### NÚCLEO 5: Namorado

O Sujeito 3 comentou sobre a influência que seu namorado teve em seus hábitos de leitura. O namorado gosta muito de ler e já trabalhou em livraria; portanto, conhece aspectos relacionados às vendas dos livros, como quais os livros mais procurados ou o tipo de público. Ela diz que, por indicação dele, passou a buscar livros que ela chama de “cult”, isto é, livros que abordam filosofia, história e política.

*“Ah, tem meu namorado também que ele adora ler, tipo, muito! Mas ele lê essas coisas mais cult, de filosofia, sabe? Ele faz Marketing, mas ele ainda quer fazer ou História ou Direito... E ele me incentivou muito a ler filosofia. Tipo, Cortella, não sei se você conhece, Mário Sérgio Cortella? Então, ele adora! Ele é viciado no cara e me levou em várias palestras dele. E ele adora*

*o Cortella e eu gosto também, não tanto quanto ele, mas eu gosto. Então, ele me dá muito livro, ele me empresta muito livro dele. Ele me deu um do Cortella recentemente até autografado. Ele conseguiu o autógrafo e meu deu.”* (Sujeito 3, entrevista 1)

Conforme os relatos, o interesse pela literatura foi uma das coisas que aproximaram o Sujeito 3 de seu namorado. Desde então, por influência dele, ela conheceu novos autores e passou a frequentar eventos em livrarias e bibliotecas- como palestras e lançamentos de livros.

#### NÚCLEO 6- Acesso aos livros

Este núcleo está dividido nos subnúcleo “Incentivo da família” e “A prática de ir à biblioteca”. As falas que compõem esses subnúcleos são dos Sujeitos 1 e 2, que apontaram diversos aspectos sobre suas formas de acesso aos materiais de leitura. Nos relatos do Sujeito 3, a questão do acesso mescla-se fortemente com seu relacionamento com o pai, amigos e namorado; portanto, suas falas não foram destacadas para este núcleo.

##### 6.1) Incentivo da família

Aqui estão reunidos os relatos acerca do acesso aos livros por meio da família, do empréstimo ou pela compra de livros, gibis e revistas. O Sujeito 1 conta que seu pai lhe dava muitos gibis e procurava novos livros que pudessem interessar o filho. Ele também narrou experiências em que membros de sua família, um tio e uma prima, deram coleções de gibis para ele e sua irmã.

Na adolescência, o Sujeito 1 fez um acordo com seu pais, em que ele receberia uma quantidade de dinheiro por mês destinada à compra de novos livros. Ele diz que

conseguia comprar dois livros por mês e, assim, começou a montar sua biblioteca particular.

*“Então, isso foi uma coisa bem legal da parte da minha família também. Eu cheguei pros meus pais numa época que eu tava lendo bastante e falei “ó, eu tô lendo bastante, já li a maior parte dos livros que achei interessante na biblioteca do meu pai e agora eu quero fazer a minha própria biblioteca também, né. Então queria saber se tem como vocês pegarem um custo, separarem para mim só para eu comprar livros, né”. E a minha mãe fez isso, então, se não me engano, a cada duas semanas, eu conseguia ir lá e comprava um livro para ler, né. E foi mais assim...então eu fui montando a minha biblioteca de pouquinho em pouquinho, sabe? Acho que esse foi o maior acesso.” (Sujeito 1, entrevista 1)*

O Sujeito 2 reconhece que o fato de ter livros ao seu alcance, desde que era pequena, foi um estímulo para ela ler. Comenta que já ela manuseava livros de seu pai quando ainda não sabia ler e que se sentia curiosa para entender o que era aquele material.

*“O fato de ter livros em casa, o que para mim foi estímulo. Até mesmo quando criança, pegar esses livros e folhear, mesmo quando eu ainda não sabia ler (...). Eram livros do meu pai. E eu manipulava e via esses livros mesmo antes de saber ler.” (Sujeito 2, entrevista 1)*

Ela também comenta que passou a comprar muitos livros durante a adolescência, inclusive diz que, quando entra em livraria, precisa controlar-se para não comprar livros demais. Desta forma, ela, assim como Sujeito 1, também tem construído sua biblioteca pessoal.

*“Mas eu já tenho uma biblioteca boa, com livros que eu gosto, com livros que ainda não li, mas que quero ler.”* (Sujeito 2, entrevista 1).

Esses sujeitos viviam em um ambiente repleto de livros e, mesmo quando esses livros não lhes pertenciam, eles podiam manuseá-los e conhecê-los. Quando começaram a descobrir seus interesses, tiveram a possibilidade de comprar livros que lhes agradassem. Além da preocupação que os pais dos sujeitos tinham com a leitura, a condição financeira dessas famílias também foi imprescindível para que a compra de livros fosse viável.

## 6.2) A prática de ir à biblioteca

As idas à biblioteca eram frequentes quando os sujeito 1 e 2 eram crianças. Ambos recordam-se das bibliotecas municipais de suas cidades e de livros que delas retiraram.

*“Então, eram livros mais infantis... Um dos livros que eu ia lá pegar era esse que eu fiz até questão de trazer que é do Capitão Cueca, que é uma coisa que foi muito da minha infância e que eu lembro que é mais dinâmico. É pouco texto, são mais imagens e eu lembro que tinha alguns exemplares desses lá (na biblioteca). Mas eu lembro também das Aventuras de Tin Tin, tinha alguns*

*exemplares lá, que era muito bacana e eu gostava de ler. Nossa! Algumas obras do Arthur Conan Doyle, as histórias do Sherlock Holmes, foram nesse primeiro acesso que eu tive com a biblioteca.” (Sujeito 1, entrevista 2)*

Quanto à frequência com que iam à biblioteca, eles não sabem dizer ao certo, mas lembram-se que iam sempre que precisavam de um novo livro para ler. O Sujeito 1 comenta que a ânsia por novos livros às vezes fazia com que ele começasse um livro sem terminar outros que já estava lendo. Por isso, fez um acordo com seus pais de só buscar um novo livro na biblioteca quando tivesse terminado o anterior.

*“E o trato que os meus pais tiveram comigo, até para me ajudar com isso, era “você pega o livro e termina de ler. Aí quando terminar de ler, a gente volta lá e você pega outro”. Então eu lembro que a periodicidade mesmo era quando o livro terminava.” (Sujeito 1, entrevista 2)*

Ambos os sujeitos recordam com alegria esses momentos que passaram na biblioteca, tanto pela grande oferta de livros quanto por representar um passeio em família.

*“Ah, eu acho que eu ficava muito feliz quando eu ia pra biblioteca, porque eu chegava em casa, deitava na cama e tinha um lazer, sabe.” (Sujeito 2, entrevista 2)*

*“A minha irmã ia, nessa época que a gente ia na biblioteca. Era um passeio em família...Às vezes meu pai estava trabalhando ou*

*não...Mas eu lembro muito bem: eu, minha mãe e minha irmã, principalmente, assim.” (Sujeito 1, entrevista 2)*

Apesar de os sujeitos gostarem de colecionar seus próprios livros, eles demonstram grande afeição pelas bibliotecas, recordando-se inclusive das bibliotecárias e da arquitetura do prédio. Assim, o ambiente receptivo dessas bibliotecas frequentadas pelos sujeitos favoreceu o acesso aos livros de uma maneira alternativa à compra, especialmente durante a infância.

#### NÚCLEO 7: O impacto da leitura

Este núcleo traz as reflexões dos sujeitos acerca dos significados que a leitura tem para eles. Reconhecem que a leitura pode proporcionar novos aprendizados e enriquecê-los culturalmente, mas a busca pela literatura não se limita a isso. Afirmam que ler é, para eles, uma satisfação e um prazer pessoal. Sentem-se tão alegres pela leitura de um livro, que já se sentem estimulados a ler mais, de modo que o ato de ler, por si só, já se configura como uma atividade autônoma e afetivamente positiva.

O Sujeito 1 comenta sobre o fato de um autor fazer referência a outro, o que o incita a buscar essas leituras referenciadas. Também fala sobre a relação da história com a literatura e a influência, afirmando que os autores recebem do ambiente em que vivem e que isso lhe permite, ao ler, conhecer um pouco daquele contexto histórico.

*“Então, eu vejo que quando você lê a literatura...quando você lê livros até mesmo para entretenimento e livros mais antigos assim, você tem uma imersão muito grande lá dentro. Que é uma parte fantástica da literatura: você se diverte, você se sente dentro daquela época, dentro daquele contexto, sabe. Então, para mim, é*

*isso que eu acho muito bonito. Então, para mim, é entretenimento... é tudo, sabe? É bem completo.”* (Sujeito 1, entrevista 1)

A possibilidade conhecer novas histórias e novos pontos de vista é um dos aspectos da literatura que encantam o Sujeito 2. Além de ser uma atividade prazerosa, ela gosta de ler, porque a leitura a estimula a rever suas opiniões.

*“Acho que prazer pessoal, né. Você lê e você se sente no meio daquela história. Tem aquele suspense e eu penso no que vai acontecer, no que eu faria nessa situação. E é também informativo, né. Mesmo que seja ficção, a gente fica sabendo que existem histórias e histórias no mundo. E que a gente vive uma, mas outras pessoas podem viver outra. Fica sabendo que existem outras culturas no mundo. Você ver essas nuances, de que existem coisas diferentes da sua realidade, tanto se for para prazer pessoal ou pra informação, é interessante para que você entenda o mundo e que respeite essas diferenças. Isso é importante, você começa a rever seus conceitos. Eu gosto muito disso, de rever o que eu penso. Se hoje eu penso uma coisa, amanhã eu vou parar para ver se é isso mesmo que eu penso e a leitura me ajuda muito nisso.”* (Sujeito 2, entrevista 2)

O Sujeito 3 entende que, ter desenvolvido o hábito de ler, contribuiu para que ela escrevesse melhor e tivesse mais facilidade em interpretar textos. Os livros lhe proporcionam um novo repertório, novas informações, que ela pode utilizar para compreender fatos do cotidiano. Mas, acima disso, ela diz que seu encantamento pela

literatura está no poder que essa tem de tirá-la da realidade e estimulá-la a imaginar novos cenários e novos personagens.

*“Então, quando eu lia... O que eu mais gosto na leitura, o que me encanta mesmo, é que é uma das poucas coisas que eu consigo esquecer tudo o que está na minha volta. Quando eu me interessar pelo livro, eu entro na história, sabe? Então, eu esqueço que eu estou em casa, que estou na biblioteca lendo. Eu saio da minha realidade!” (Sujeito 3, entrevista 2)*

Os relatos deste núcleo descrevem a paixão dos sujeitos pela leitura, sintetizando os motivos pelos quais sempre desejam ler, sempre desejam um novo livro. A leitura é para eles uma atividade intrinsecamente motivadora, que lhe proporciona aprendizados e momentos de prazer.

## 5- Discussão

A presente pesquisa buscou investigar o processo de constituição de leitor, tendo como base teórica os estudos acerca do desenvolvimento humano de Wallon e Vygostsky. Entende-se que esse processo é socialmente construído e que as situações de mediação vividas pelos sujeitos, desde a infância, são os principais determinantes para a relação que esses estabelecerão com a leitura. O processo de formação do leitor autônomo - aquele que lê por iniciativa própria- é marcado por uma história de mediação cujos impactos foram afetivamente positivos. Os dados desta pesquisa suportam tal interpretação teórica.

Cada um dos participantes da pesquisa trouxe uma história diferente de envolvimento com a leitura. Seus relatos têm características singulares, já que são indivíduos diferentes, inseridos em contextos sociais, culturais e econômicos também diferentes. No entanto, foi possível agrupar aspectos comuns do processo de constituição de leitor destes sujeitos, conforme apresentado nos Núcleos Temáticos, do capítulo anterior. Desta maneira, podem-se elaborar considerações sobre a importância dos conteúdos afetivos das mediações vivenciadas pelo sujeito para sua constituição como leitor.

Vygotsky enfatiza a importância das interações com o “outro”, no processo de constituição do sujeito, introduzindo o conceito de *mediação*. Segundo o autor, a relação entre o indivíduo e o mundo não se dá de forma direta, mas sim através da mediação do “outro”, na qual que a linguagem tem um papel fundamental. O autor afirmar que:

*“Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e depois no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapsicológica) (...) Todas*

*as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos.”*

(Vygotsky, 1998, p 64)

Dessa forma, a apropriação dos objetos e práticas culturais, como a leitura, se dá através das interações com o outro. A qualidade das interações e mediações vivenciadas pelo indivíduo é fundamental para sua constituição, já que a complexidade de sua formação dependerá dos saberes, valores e princípios nelas absorvidos. Para se compreender a formação do leitor, é indispensável a análise das situações de mediação entre o indivíduo e os materiais escritos, identificadas na sua história passada e presente. Assim, no plano microgenético, cabe à pesquisa identificar as singularidades deste processo e demonstrar como ele ocorre nas histórias individuais. Os dados desta pesquisa permitem inferir que estes sujeitos tornaram-se leitores a partir das interações com o “outro”, agentes mediadores que os colocaram em contato com a leitura.

Wallon afirma que todas as interações são carregadas de conteúdos afetivos. O autor diferencia emoção de afetividade, sendo que emoção tem bases biológicas e constitui as primeiras manifestações de estados subjetivos. Já afetividade, “além de envolver um componente orgânico, corporal, motor e plástico, que é a emoção, apresenta também um componente cognitivo, representacional, que são os sentimentos e a paixão” (Dér, 2004, p. 61). Portanto, a afetividade é um conceito mais amplo, que envolve vivências e formas de expressão humanas mais complexas e desenvolve-se com a apropriação de sistemas simbólicos da cultura, principalmente a fala. Portanto, além dos fatores biológicos, a afetividade engloba também o fator cognitivo, além da emoção, dos sentimentos e da paixão. Por envolver elementos simbólicos da cultura, a complexificação das manifestações afetivas só é possível através da mediação do outro.

Sendo a leitura uma prática cultural apropriada pelo sujeito através das interações com o outro, assume-se que a qualidade da mediação oferecida ao sujeito imprime um valor afetivo na relação do sujeito com essa prática. O movimento de aproximação ou de afastamento do sujeito com a leitura depende desses conteúdos afetivos, que podem ser positivos ou negativos. Os três sujeitos descrevem as experiências que vivenciaram, nos momentos relatados de leitura, indicando os impactos afetivos presentes na mediação por eles vivenciada. Destacamos aqui as situações de mediação vivenciadas na escola e no ambiente familiar, que estiveram presentes nos relatos dos três sujeitos.

Especialmente durante a infância, eles falam sobre a atenção e o carinho dedicados pelos pais, nas situações de mediação da leitura. *“Ela lia bastante, antes de eu dormir... Não era todo dia, mas era frequentemente que ela lia pra mim. E agora, outros livros eu não lembro... Eu lembro muito das imagens, sabe? Mas das histórias eu não lembro.”* (Sujeito 3, entrevista 1)

Segundo Wallon, nos primeiros anos de vida, como o indivíduo ainda não se apropriou das representações simbólicas culturais mais complexas, a afetividade é expressa através do corpo, com o toque, a proximidade e a troca de olhares. No trecho acima, o sujeito já não se recorda do conteúdo das leituras feitas pela mãe, mas relata, com carinho, a leitura na hora de dormir, um momento em que ficava próxima de sua mãe.

ABRAMOVICH (1997) destaca o papel da contação de histórias durante a formação do leitor. A autora ressalta a importância de que a criança ouça muitas histórias para que se familiarize com universo da leitura.

*“O primeiro contato da criança com um texto é feito, em geral, oralmente. É pela voz da mãe e do pai contando contos de fada, trechos da Bíblia, histórias inventadas tendo a gente como personagem,*

*narrativas de quando eles eram crianças e tanta, tanta coisa mais...* “(p. 16)

Essa atividade aparece nos relatos dos sujeitos 2 e 3 e, conforme eles descrevem, acontecia à noite, antes de dormirem. O Sujeito 3 descreve as histórias de seu pai, que às vezes nem pegava livros para contar. O ambiente aconchegante e o momento de proximidade com os pais, durante a contação de história, imprimiu marcas afetivas positivas nos sujeitos.

O relato do Sujeito 3 mostra que, muitas vezes, o conteúdo dos livros lidos foi esquecido. Ela recorda-se de imagens dos livros, mas não lembra os nomes ou as histórias, de forma que o relato centra-se na descrição de uma atividade compartilhada com a mãe. Em sua pesquisa sobre formação de leitores, SOUZA (2005) afirma que o fato de o leitor não lembrar o conteúdo das leituras, mas recordar detalhes das cenas de leitura, indica que a interação com o “outro” foi o aspecto mais marcante dessa situação.

A afetividade desenvolve-se ao longo da vida, sendo que este desenvolvimento está relacionado às conquistas no plano cognitivo; ao mesmo tempo, o desenvolvimento cognitivo depende dos vínculos afetivos (Dantas, 1992). A aquisição de novas estratégias de comunicação permite formas mais complexas de manifestações afetivas, como o diálogo, o respeito e a atenção. Isto pode ser evidenciado na continuação do relato do Sujeito 3, sobre sua relação com a mãe:

*“Então, quando eu cheguei na adolescência e comecei a ler mais, tipo, esses livros clássicos. Aíeu falava “ah, mãe, eu quero ler esse livro do José de Alencar”, porque eu comecei a gostar dele também. E ela falava “ah, esse livro! É assim...” (Sujeito 3, entrevista 1)*

A estratégia de mediação da mãe e de demonstrações de afeto modificou-se conforme o Sujeito 3 se desenvolvia. Ou seja, as manifestações afetivas tornaram-se mais complexas à medida que o sujeito apresentava conquistas no plano cognitivo. A contação de história, feita exclusivamente pela mãe e cuja principal marca afetiva é o contato, é substituída pelo diálogo e pela troca de opiniões.

Segundo GROTTA (2000), toda interação humana é marcada afetivamente. A afetividade pode variar em qualidade e intensidade, mas nunca é nula, independente do tipo de atividade. Desta forma, a autora afirma que *“a afetividade é, então, uma qualidade das relações humanas; é parte constituinte de toda e qualquer mediação cultural, social”* (p.162). Assim, nas situações narradas pelos sujeitos, mesmo naquelas em que a mediação não se dá de forma direta, há impactos afetivos.

O Sujeito 1 relata que, com seu pai, mais do que aprender a apreciar a leitura, aprendeu a valorizar os livros. Ele descreve a biblioteca do pai, com os livros arrumados nas prateleiras, e conta que, assim, aprendeu a admirar este material. O Sujeito 2 também relata que sempre via seu pai lendo e que observava seu hábito de procurar artigos na internet e imprimi-los para ler. Ela afirma que, por ter observado essa atividade de leitura de seu pai, ela mesma adquiriu o hábito de buscar artigos on-line.

Vygotsky (1994) destaca que, através da imitação, as crianças podem executar ações que estão além de suas capacidades, de modo que esta se configura como uma parte importante do processo de desenvolvimento do sujeito. *“A criança pode chegar à imitação por meio de ações intelectuais que estão além do que ela é capaz de realizar nas ações mentais ou operações intelectuais independentes e intencionais”* (Vygotsky, 1998b, p. 201). Sobre essa questão, Souza (2005) destaca o papel que a imitação tem na

formação do indivíduo. A autora destaca os pais como modelos incentivadores, uma vez que transmitiam, indiretamente, o prazer que sentiam pela leitura, afirmando que

*“Ao observarem os pais lendo entretidos, os sujeitos passaram a perceber a leitura enquanto uma prática interessante – se seus pais a entendiam de tal forma, ela deveria ser, realmente, significativa.”* (p. 60)

Portanto, mesmo ações que não eram dirigidas aos sujeitos, como a rotina e hábitos de leitura dos pais, influenciaram, ainda que de forma indireta, na relação que os sujeitos estabeleceram com a leitura.

Além de motivarem os filhos a lerem, através de seus hábitos individuais de leitura, as mães e os pais desses sujeitos também desenvolveram, intencionalmente, ações para favorecer o contato deles com a leitura, tais como a compra de livros, as discussões sobre leitura e as visitas a feiras de livros e bibliotecas. Esse esforço dos pais não só é reconhecido pelos sujeitos, mas também é lembrado de maneira positiva. Os três participantes da pesquisa afirmam que nunca lhes faltaram livros, já que os pais, por meio de diferentes estratégias, garantiam o acesso aos materiais de leitura.

Outro aspecto marcante destas narrativas é que não apenas os pais foram exemplos ou incentivadores da leitura para os sujeitos, mas eles viveram cercados de familiares com quem podiam discutir sobre suas leituras, trocar livros e recomendações. Os relatos dos Sujeitos 1 e 3 narram a relação com seus avós e a maneira como eles contribuíram para que eles se tornassem leitores.

O Sujeito 1 demonstra grande admiração por seu avô materno, pelo fato de ele ter se apropriado de muito conhecimento através de suas leituras. Na infância, as visitas ao avô ficaram marcadas por sessões de leitura e o Sujeito recorda-se com carinho do

cuidado que o avô tinha com seus velhos livros. O Sujeito 3 fala sobre suas duas avós, que a influenciaram de diferentes maneiras. Na casa da avó materna, onde passava as férias, havia oferta abundante de livros de outros membros família. Já avó paterna, de quem vivia próxima, gostava de ler e, muitas vezes, lhe indicou alguns livros.

FLORES (1994) afirma que os avós são responsáveis por grande parte dos valores transmitidos na família. GROTTA (2000) e SOUZA (2005), em suas pesquisas sobre formação de leitores, também destacaram a influência dos avós nesse processo. As autoras relatam que a relação afetuosa com os avós leitores e a admiração a eles dirigida são fatores que contribuem para aproximação do sujeito com a leitura. Desta forma, os avós dos Sujeitos 1 e 3, por terem compartilhados momentos de carinho e admiração, envolvendo a leitura, e por serem figuras a quem os sujeitos dirigiam afeto e respeito, marcaram profundamente suas formações enquanto leitores. Nesta direção, o Sujeito 2 enfatiza a relação com uma de suas tias, com quem conversava sobre suas leituras e trocava recomendações de livros. O gosto comum pela leitura e o hábito de discutir sobre literatura tornou a relação das duas mais próximas. O Sujeito relata que passou a manter contato com a tia toda semana, por telefone. Além disso, comenta que as conversas com a tia se modificaram à medida que suas próprias leituras tornavam-se mais complexas. Assim, o Sujeito 2 tem essa tia como uma amiga e também como referência de leitora, isto é, alguém para consultar nos momentos de escolha de livros e para discutir sobre os livros lidos.

Segundo Wallon (1968), as conquistas no plano afetivo impulsionam avanços no plano cognitivo, e vice-versa, de modo que, no desenvolvimento humano, cognição e afetividade são complementares. O relato descrito no parágrafo anterior exemplifica essa complementaridade entre cognição e afetividade. A troca de informação e a busca por novos conhecimentos, através da discussão literária, ocasionou a aproximação

afetiva entre o Sujeito e a tia e, uma vez estabelecida esta relação, afetuosamente positiva, a motivação para a aquisição de conhecimento e para a leitura intensificou-se.

A figura do irmão, apontada por FLORES (1994) como uma evidente influência na personalidade da criança, aparece no relato do Sujeito 1. Este era o único entre os entrevistados que não era filho único, tendo uma irmã mais nova. A irmã tinha o hábito de ler mais *best-seller* e gostava muito de escrever, prática fortemente encorajada pelos pais e pelo próprio sujeito.

O Sujeito descreve uma relação próxima com a irmã e conta que se preocupava em cultivar nela o gosto pela leitura. Ele ilustra esse desejo de incentivar a irmã a ler, narrando o fato de que os dois adquiriram juntos a coleção de livros do “*Percy Jackson- o ladrão de raios*”. Deste modo, sua preocupação com a formação da irmã proporcionou a ele mesmo novas leituras, já que procurava ser um exemplo e uma companhia para irmã neste campo.

Não foi apenas no ambiente familiar que os sujeitos vivenciaram experiências de leitura. A escola constitui-se como um importante espaço de contato com a cultura escrita, já que, entre outras razões, é a instituição responsável pelo ensino formal da leitura e da escrita. Os Sujeitos 2 e 3 relatam que vivenciaram boas experiências de leitura durante os anos iniciais do ensino fundamental, pois tiveram professoras que se preocupavam em estimular o hábito da leitura nos seus estudantes. Já o Sujeito 1 afirma que não gostava das atividades escolares de leitura, especialmente devido à escolha dos livros pela professoras, tidos como desinteressantes pelo Sujeito.

SOUZA (2005), em sua pesquisa sobre formação de leitores, ao discutir o fracasso da escola em estabelecer vínculos positivos entre os sujeitos e a leitura, afirma que a concepção tradicional que permeia as práticas de leitura escolares é “*fruto de um movimento histórico e da ideologia política em vigor na sociedade brasileira: a*

*ausência de uma política promovendo o incentivo da leitura contribui para a manutenção da ordem social vigente e o controle das consciências”* (p. 67). Desta forma, é válido apontar que, independente dos sentidos e valores afetivos atribuídos pelos sujeitos da presente pesquisa às atividades escolares, as experiências durante o Ensino Fundamental, por eles descritas, carregam uma concepção de leitura tradicional.

Nas falas dos três sujeitos estão presentes relatos sobre, ao menos, um professor marcante em suas trajetórias de formação como leitor. Estes relatos expõem as experiências com os professores de literatura do Ensino Médio, uma época marcada por mudanças, conforme descrito pelos próprios sujeitos. A transição da vida adolescente para a vida adulta foi acompanhada pela busca por leituras mais maduras. Estes professores foram responsáveis por guiar e orientar os sujeitos para uma leitura mais complexa, introduzindo-os, por exemplo, na leitura dos clássicos.

Leite e Tassoni (2002) afirmam que a afetividade permeia as práticas pedagógicas e estão presente em cinco decisões feitas pelo professor: a escolha dos objetos de ensino; o conhecimento do aluno como referência para o início do processo de ensino; a seleção e organização dos conteúdos; a escolha das atividades e procedimentos de ensino; a escolha dos procedimentos de avaliação. Tais decisões marcam afetivamente e influenciam na relação que os sujeitos estabelecem com o objeto de ensino. Decisões adequadas promovem impactos afetivos positivos; e vice-versa. Como se evidencia na fala do Sujeito 3

*“Machado, eu li no 2º ano, quando a gente estudou Realismo, né. Eu não gostava tanto, mas gostei muito do Dom Casmurro. Mas só porque ela fez um estudo do Dom Casmurro com a gente. Ela era sensacional! Ela falava muito, ela explicava muito bem! E aí fazia muito sentido, sabe?!”* (Sujeito 3, entrevista )

Higa (2007), em seu trabalho sobre a mediação pedagógica e formação de leitores, afirma que

*“(...) o professor comprometido com a leitura, que vivencia o ato de ler em seu cotidiano, valorizando-o e demonstrando relacionar-se afetivamente de modo positivo, torna-se uma forte referência para o aluno” (p. 128)*

Os Sujeitos relatam que o entusiasmo e a paixão de seus professores pela leitura foi um estímulo para que eles mesmos lessem. Além disso, o domínio do conteúdo, demonstrado pelos professores, tornava as aulas interessantes e contribuiu para que os sujeitos ampliassem sua compreensão da literatura.

O conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) (VYGOTSKY, 1998) ajuda-nos a entender o processo pelo qual o sujeito adquire autonomia enquanto leitor. A ZDP consiste nas atividades que o sujeito realiza com auxílio de outros, por meio de uma explicação, imitação ou colaboração, até tornar-se autônomo nessa prática. É na ZDP que a mediação atua, proporcionando o desenvolvimento, que não é de caráter apenas cognitivo, mas também afetivo.

Enquanto a leitura ainda é emergente, a mediação é necessária para que o sujeito estabeleça vínculos afetivos com essa prática cultural, além do aprimoramento do próprio ato de ler. À medida que a leitura vai se tornando autônoma, a necessidade de mediadores diminui, uma vez que a própria atividade torna-se motivadora, além da melhoria da própria habilidade do ato. Os sujeitos desta pesquisa viveram situações de mediação com a leitura carregadas de conteúdos afetivos positivos, durante todas suas vidas, o que possibilitou que essa prática se tornasse intrinsecamente motivadora e os sujeitos, por sua vez, se constituíssem como leitores autônomos.

Vigotski (2001) estabelece a diferença entre significado e sentido. O significado são as produções sociais e históricas que corresponde àquilo que se convencionou sobre uma palavra, está ligado ao campo semântico, dicionarizado. Apesar de não serem estáticos, os significados são mais estáveis e uniformes. Já os sentidos são apropriações feitas pelo sujeito dos significados, que são compartilhados socialmente, mas passando pelo prisma de suas experiências individuais. Portanto, o sentido de uma palavra

*“é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência. Assim, o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada. O significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata.” (VIGOTSKI, 2009, p. 465)*

Os sujeitos afirmam que a leitura é para eles uma atividade prazerosa, que a alegria sentida ao ler um livro já os estimula a ler mais. Buscam na leitura satisfação pessoal, informação e distração. Os sentidos que os sujeitos atribuem à leitura, construídos a partir de suas experiências individuais, são afetivamente positivos e, assim, leem de maneira autônoma.

### **5.1- Considerações Finais**

Compreende-se que os sentidos atribuídos pelos sujeitos à leitura são resultado da qualidade das interações e de suas experiências concretas de leitura, vivenciadas durante toda sua formação. Desta forma, foi através das interações com o “outro” que os sujeitos constituíram-se como leitores, atribuindo valores afetivos positivos à prática de leitura.

No ambiente familiar, os sujeitos iniciaram seu contato não só com a leitura, mas também com o mundo. Assim, durante a infância, os familiares foram os principais responsáveis por mediar o contato entre o sujeito e a cultura, sendo que, neste período, os sujeitos vivenciaram suas primeiras experiências de leitura, as quais imprimiram fortes valores afetivos na relação que eles viriam a ter com esta prática cultural.

Segundo Pino (s/d), a afetividade pode ser compreendida como uma qualidade das relações humanas, as quais, com efeito, marcam a vida do sujeito. Os dados apresentados nesta pesquisa demonstram que esses sujeitos viveram cercados de leitores. Essas pessoas - pais, avós, tios, irmã, amigos, professores- à medida que se relacionavam com sujeitos, foram conferindo sentidos afetivos à prática de leitura, ao livro e à cultura escrita.

Da mesma forma, Grotta (2000) afirma que

*“(...) pode se dizer que foram as relações sociais vivenciadas pelos sujeitos desta pesquisa, em torno da cultura escrita e da qualidade presente nestas relações, que foram imprimindo um sentido afetivo à atividade de ler, aos objetos de leitura (livros, jornais, revistas) e a lugares de leitura (biblioteca, quarto, praça pública, etc), transformando a atividade de ler em algo significativo para os sujeitos.” (p. 161)*

Ao se considerar que a relação do sujeito com o mundo é sempre mediada pelo “outro”, compreende-se que a qualidade das mediações experienciadas pelos sujeitos é determinante para a relação que estes terão com a leitura. Os sujeitos desta pesquisa estiveram cercados de leitores e pessoas dedicadas a motivarem seus hábitos de leitura, tanto no ambiente familiar quanto no escolar. Desta forma, foi a *qualidade* das

mediações experienciadas pelos sujeitos que possibilitaram que estes estabelecessem uma relação positiva com a leitura.

Entende-se, portanto, que o sujeito constitui-se como leitor a partir das experiências de leitura que vivencia e dos valores afetivos por elas impressos. Os sentidos e conteúdos afetivos destas experiências- tais como proximidade física, carinho, atenção, prazer e respeito- são internalizados e associados à prática da leitura. Nota-se que, nos relatos destes três sujeitos, respeitando-se a singularidade das histórias de cada indivíduo e as práticas de leitura vivenciadas por eles, trouxeram marcas intensas e positivas. Por esta razão, os sujeitos atribuem significação positiva à atividade de leitura, buscando, por exemplo, organizar seus horários de modo a ter tempo livre para dedicar-se à leitura.

Compreende-se que esta pesquisa traz contribuições relevantes para o entendimento do fenômeno da constituição do leitor, especialmente por focar a dimensão afetiva do processo, corroborando com outros autores que estudaram o tema.

## 6- Referências bibliográficas

- ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- CAMPOS, J. C., CARVALHO, H. A. G. **Psicologia do desenvolvimento: influência da família**. 2 ed. Revisada e Ampliada. São Paulo: EDICON, 1983.
- CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- \_\_\_\_\_. A leitura: uma prática cultural. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: **Práticas de leitura**. Trad. de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- DANTAS, H. Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: La Taille, Y., Dantas, H. e Oliveira, M.K. (orgs.) **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus Editorial, 1992.
- Dér, L. C. S. (2004). A constituição da pessoa: a dimensão afetiva. In A. A. Mahoney, & L. Almeida (Orgs.), **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon** (pp. 61-75). São Paulo: Edições Loyola.
- FLORES, J. V. **Influência da Família na Personalidade da criança**. Porto: Porto, 1994.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2011
- GALVÃO, I. Henri Wallon. **Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis: Vozes, 1996.

GROTTA, E. C. B Afetividade na constituição do leitor. In: LEITE, S. A. S (org.)

**Afetividade e práticas pedagógicas.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

\_\_\_\_\_. **Processo de formação do leitor: relato e análise de quatro histórias de vida.** 2000. 268p Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

HIGA, S. E. L.; LEITE, S. A. da S. (orient.). **A constituição do sujeito leitor: duas histórias de mediação.** Campinas, SP, 2007.

LAJOLO, Marisa. Leitura: você faz a diferença. **Revista Nova Escola.** São Paulo: p.14, dezembro, 2003.

LEITE, S. A. S.(org). **Afetividade e Práticas Pedagógicas.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006

LEITE, S. A., TASSONI, E.C.M. (2002) A afetividade em sala de aula: as condições de Ensino e a mediação do professor. In: AZZI, Roberta Gurgel; SADALLA, Ana Maria Falcão de Aragão (Org.). **Psicologia e formação docente: desafios e conversa.** São Paulo: Casa do psicólogo.

LEITE, S. A. S. e COLOMBO, F. A. A voz do sujeito como fonte primária na pesquisa qualitativa: a autoscopia e as entrevistas recorrentes. IN: Pimenta, S. G.; Ghedin,E.; Franco M. A. S. (Orgs) **Pesquisa em educação – Alternativas investigativas com objetos complexos.** São Paulo: Edições Loyola, 2006.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MAHONEY, A. A. (1993). Emoção e ação pedagógica na infância: contribuições da psicologia humanista. **Temas em Psicologia. Sociedade Brasileira de Psicologia:** n. 3, p. 67-72.

MOJICA, I. Sopa de Letrinhas. **Revista Kalunga.** Campinas: ano XXXI, n. 158, p. 13-15, março, 2004.

OLIVEIRA, M. K. O problema da afetividade em Vygotsky. Em La Taille, Y., Dantas, H. e Oliveira, M. K. (orgs) **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus Editorial, 1992.

ORLANDO, I.R. Formação de leitores: a dimensão afetiva na mediação da família. **Revista Linha Mestra,** Ano VIII. No. 24 (jan.jul.2014). ISSN: 1980-9026 Páginas: 1540- 1543

PINHEIRO, M. M. **Emoção e afetividade no contexto da sala de aula: concepções de professores e direções para o ensino.** Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC de São Paulo, 1995. TASSONI, E. C. M. **Afetividade e produção escrita: a mediação do professor em sala de aula.** Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação UNICAMP, 2000.

SILVA, L. M. **Memórias de leitura: a constituição do leitor escolar.** 2005. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP

SOUZA, J. S. Z. de; LEITE, S. A. da S.(orient.). **Mediação da família na constituição do leitor.** Campinas, [SP: [s.n.], 2005.

SOUZA, J. S. Z. de . A mediação da família na constituição do leitor In: LEITE, S. A. S (org.) **Afetividade e práticas pedagógicas.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

\_\_\_\_\_. Dimensões afetivas na relação professor-aluno. In: LEITE, S. A. S (org.) **Afetividade e práticas pedagógicas.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.

\_\_\_\_\_. **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. **The problem of age** (M. Hall, Trans.). In R. W. Rieber (Ed.), *The collected works of L. S. Vygotsky: (Vol. 5. Child psychology)* (pp. 187-205). New York: Plenum Press, 1998b

\_\_\_\_\_. **O Desenvolvimento Psicológico na Infância.** São paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança.** Lisboa: Edições 70, 1968.

\_\_\_\_\_. **Do acto ao pensamento.** Lisboa: Moraes Editores, 1979.

\_\_\_\_\_. **As origens do carácter na criança.** São Paulo: Nova Alexandria, 1995

ZANELLI, J.C. **Formação Profissional e Atividades de Trabalho: análise das necessidades identificadas por psicólogos organizacionais.** Tese de Doutorado, Faculdade de Educação UNICAMP, 1992

PINO, A. **Afetividade e vida de relações.** p. 128-169 (texto xerocado), (s/d).

## **7- ANEXO 1**

### **Núcleos Temáticos**

#### **1- Vivências de leitura**

##### **a) Na infância**

###### **Sujeito 1:**

“Então, desde pequenininho assim... sempre fui de ler muito gibi. Então, gibi da Mônica, esse tipo de coisa assim.” (1)<sup>1</sup>

“foi um dos primeiros livros que eu tenho até guardado hoje que é o “Guia do cientista do Franjinha”, alguma coisa assim, sabe? Que era...mexia com essa parte e também do gosto que eu tinha com a Mônica.” (1)

“Tanto é que eu tenho alguns livros bem fininhos, assim, que eram adaptações para o público infantil, mas que eram de grandes obras. Eu lembro que eu tenho guardado até hoje esse tipo de livro.” (1)

“Então, ‘Um estudo em vermelho’, ‘O cão dos Baskervilles’, então eu só não lembro se foi adaptação ou se foi o texto na íntegra mesmo. Eu acho que talvez tenha sido talvez adaptações.” (2)<sup>2</sup>

###### **Sujeito 2:**

“Ah, a biblioteca municipal. Às vezes eu ia fazer trabalho lá e eu gostava também de pegar livro.” (1)

“Eu lembro que eu peguei até uma coleção do Egito para ler, sobre a cultura egípcia....Pegava várias historinhas.” (1)

“Outra coisa que me influenciou muito a ler, não sei eu cheguei a falar, é que eu gostava muito de estudar. Então, quando eu estava na terceira, na quarta série, eu pegava livros de exercícios que tinha em casa (...) E eu sempre gostava de

---

<sup>1</sup> A marca (1) indica que a fala ocorreu na Entrevista 1

<sup>2</sup> A marca (2) indica que a fala ocorreu na Entrevista 2

copiar. Então, eu acho que esse ato de ler, interpretar e copiar, me ajudou muito na minha leitura.” (1)

### **Sujeito 3:**

“Tinha bastante da Mônica, mas livro mesmo, não gibi. Tinha livro contando a história da Mônica e eu lembro que tinha o formato da cabeça da Mônica, outro tinha o formato da cabeça do Cascão... E esse ela (a mãe) lia bastante para mim e depois eu lia sozinha também. Mas eu ainda pedia para ela ler pra mim, eu gostava bastante.” (1)

“Tinha outro que eu gostava muito e esse eu ganhei da minha madrinha, ganhei quando eu tinha seis anos: era uma caixinha, assim, você abria e tocava uma musiquinha, aí tinha vários livros dentro, da Disney. Tinha outro também que eu gostava muito dele, que eu acho que foi minha mãe que comprou... Não, foi alguma tia minha que me deu. Ela deu igual pra mim e pra minha prima também, só que minha prima ignorou o livro. Era um livro bem grandão, da Disney também, que tinha umas dez histórias da Disney. Esse livro eu tenho até hoje lá em casa e, nossa, eu adoro ele. Ele é lindo, sabe?! Tem todas as histórias... eu lia muito ele! Sempre pegava e relia várias vezes.” (1)

## **b) Na adolescência**

### **Sujeito 1:**

“Então, na oitava série um livro muito marcante que teve para mim foi “Espumas flutuantes”, do Castro Alves. É... É porque eu sou uma pessoa muito romântica, eu gosto dessa coisa pomposa, assim e tal. Eu acho muito bacana.” (1)

“Então, acho que esse foi o primeiro contato que eu tive lá pela oitava série e aí foi um atrás do outro: então, depois de Espumas Flutuantes eu me apaixonei por Castro Alves e aí fui ler “Os escravos”. Aí continuando dentro do Romantismo, eu falei “não, mas de onde começou? Ah, começou com Goethe”, então corri atrás pra ler Goethe também, sabe? Aí me apaixonei pelo Iluminismo Germânico e já fui puxando Schiller, Hölderlin, que são outros artistas também...Aí foi...a literatura,

assim, uma coisa puxa a outra, um autor cita o outro. Então, ai foi desenvolvendo...”

(1)

### **Sujeito 2:**

“Tem um... é do mesmo autor da “Menina que roubava livros”, que chama “Eu sou o mensageiro”, porque a narrativa se desenrolou de um jeito muito bacana.” (1)

“E também “Admirável mundo novo”, acho que esse é o mais preferido mesmo.” (1)

“O “Eu sou o mensageiro” eu li quando eu tinha 15 e “Admirável mundo novo”, quando eu tinha 16.” (1)

“(o livro “Admirável mundo novo” foi marcante) porque foi o primeiro livro... Foi o primeiro livro que li que era marcado num aspecto crítico. Foi numa época que eu estava no 2º ano do ensino médio, com 16 anos, que é uma época de transição. É uma época que você começa a caminhar para a vida adulta e começa a pegar aspectos críticos sobre o mundo, sobre a forma como você se vê... E é um livro que faz uma crítica à sociedade, ao modo de vida. Então, aquilo foi muito marcante e eu achei muito interessante. (1)

“Eu olho muito no Skoob e vejo livros semelhantes. Ou então, por exemplo... É uma coisa que eu faço muito e que eu descobro muitas coisas: eu escuto o nome de um autor que eu não conheço e eu vou procurar quais livros ele escreveu. E às vezes eu já ouvi falar do livro, ai eu penso “Ah, esse cara que escreveu isso”. Ai eu anoto que eu quero ler, ai isso vai fazendo uma cadeia, assim, de informações.” (1)

“Outra coisa que também me ajudou foi uma reportagem que saiu- não lembro em qual revista- que falava dos clássicos da literatura e ai tinha uma árvore, assim. Nessa árvore falava “comece pelo clássico X”, ai esse livro leva a esse, leva a esse, leva aquele... E eu anotei todos os livros que estavam nessas árvores. Eram quatro árvores diferentes, com quatro temas. Ai eu comecei a pesquisar e a descobrir outras coisas. Foi acumulando, né! Ai, mesmo que eu não tenha lido tudo, eu tenho uma boa visão geral da literatura, do contexto histórico, dos autores... Ai eu tenho uma cópia dessas árvores e depois eu passei pro Skoob, anotei lá “vou ler”. (1)

### **Sujeito 3:**

“Nessa época eu lia muito Harry Potter, muito. Eu cheguei a comprar todos os Harry Potter. Eu lia muito romance, lia muito romance juvenil, sabe? Tinha uma autora que eu gostava muito que era Meg Cabot. Ela faz muito esses romancinhos, assim, bem adolescente, sabe? Eu gostava, assim, esses livros iam em três dias. Eu lia em três dias, fácil assim. E ainda quando que estava na época de aula, nossa, qualquer tempinho que eu tinha, eu aproveitava pra ler. Às vezes até no carro, enquanto eu voltava pra casa, assim, eu lia, porque eu ficava muito viciada.” (1)

“Então, eu lia muito esse tipo de romance. Cheguei a ler *A Cabana*, que é um livro mais religioso. É fictício, mas é mais religioso. Li o *O caçador de pipas*, que é um drama. Eu gostava bastante. Apesar de tudo, eram livros com a linguagem mais fácil. Não chegava a pegar esses livros que... que você demora mais para entender o que você está lendo. Eram livros mais fáceis...” (1)

“Ah! *O diário da princesa* também foi uma coleção que me marcou muito, porque eu tinha visto o filme e eu gostei. Ai a minha mãe tinha uma amiga, que era professora lá também, que lia esses livros e gostava muito. E ai ela perguntou se eu não queria emprestado, ai ela me emprestou todos. Todos, não, até o terceiro ela me emprestou. E ai eu li e adorei. Li todos e acho que parou no livro onze. Eu li o primeiro, ai o o segundo eu comprei. Ai tinha uma amiga que era viciada também, ai a gente fazia assim: uma comprava um, ai a gente emprestava, sabe. Porque quando eu comecei a ler já tinham saído vários já, sabe. Mas essa minha amiga me emprestou uns dois ou três e eu emprestei para ela também. Ai conforme ia saindo, ela comprou muitos e os últimos livros eu lembro que peguei dela.” (1)

### **c) Atualmente**

#### **Sujeito 1:**

“Depois que eu entrei na faculdade, ficou bem mais complicado. Eu diminuí muito meu ritmo de leitura, muito, muito, muito mesmo.” (1)

“Mas ainda assim eu gosto bastante e eu to me apegando mais a literaturas meio que temáticas, assim.” (1)

“Então, por exemplo, pegar até mesmo livros pra eu reler, porque hoje em dia eu até não tenho tanta verba pra ficar comprando livro, que é uma coisa cara, assim.” (1)

“Então, é, por exemplo, nas últimas férias eu fui fazer um cruzeiro, né. Então, juntou minha família inteira, meus tios também. Então, o que que eu fiz? Eu levei Camões, então um grande período que eu fiquei dentro do cruzeiro, eu fiquei lendo Camões. Fiquei sentado em alto mar lendo Camões, tentando sentir um pouco dessa coisa deles assim também, né.” (1)

“Então, é mais literatura assim, que eu pego por situações...Às vezes eu pego pra reler livros.” (1)

“É...eu leio mais coisa técnica mesmo, que eu leio dentro da faculdade, né.” (1)  
“Agora só tô com um livro só que eu to lendo que é o Dom Quixote, né. Mas tirando isso, assim...tô lendo ele bem devagar, bem devagar mesmo. Só quando tenho tempo livre, mais de final de semana. Mas na faculdade deu uma boa diminuída, sim.” (1)

“E depois, bem mais pra frente, depois que eu tive esse contato com a literatura, que eu tive também um contato também um contato com as histórias em quadrinho.” (2)

“E eu me apaixonei pelo tipo de material mesmo! Acho que é um tipo de material... como eu posso falar? Ele deixa sua imaginação fluir bastante também, né, e a forma de como ele é feito, sabe? A mensagem que ele consegue passar através das imagens... é muito rica também, sabe? Então, eu não sei falar o que que me atrai mais: se é esse material ou se é o dos livros. O que eu sei é que eu consegui aproveitar muito dos dois.” (2)

“A coisa boa é que eu não acumulo mais leitura, né, de forma alguma (risos). E eu tenho focado minha leitura mais para as histórias em quadrinhos, porque é uma leitura muito mais rápida que eu consigo fazer.” (2)

“Então, vai fazer uns quatro anos que eu tenho acompanhado as histórias em quadrinhos mesmo. Então, todo mês, eu sempre compro um exemplar ou outro de uma coleção que eu tô acompanhando e tal...” (2)

“Tem uma coleção que tá saindo agora que é da Salvat, que é de uma editora de um dos grandes clássicos da Marvel e tal. Então, eles estão lançando de 15 em 15 dias uma versão bonita... de capa dura! E é uma coleção que eu tô acompanhando. Então, eu sei que de 15 em 15 dias eu tenho aquele meu material separado de leitura. E é uma leitura que, antes de dormir, eu consigo fazer; é uma leitura de menos tempo.” (2)

“Agora de literatura, mais pros clássicos assim... Eu sempre carrego um livro ou outro comigo na mochila e é mais assim: quando eu tenho uma folga, quando eu consigo parar. Então, assim, eu tenho uma aula até as quatro horas e um compromisso às cinco. Ai das quatro às cinco eu consigo sentar do lado da sala de aula e ler um pouco.” (2)

“Então, às vezes eu não consigo parar para ler e falar “ah! Vou ler *O processo* de Kafka”. Não, não dá, mas eu sempre consigo pegar um trecho ou outro, até mesmo para servir como leitura complementar pro que eu tô vendo assim.” (2)

“Então, quando eu entrei na faculdade, que é Física e envolve muita parte de Filosofia... ela tem muito de humanidades dentro dela. Ai eu achei que isso ia me ajudar muito, a literatura, o meu conhecimento que eu já tinha. Mas chega uma hora que você tem que esquecer isso e ficar na leitura técnica mesmo.” (2)

“Então, eu vejo que hoje é muito separado isso: a minha literatura e a parte técnica. É bem difícil quando eu consigo mesclar as duas coisas, algo que eu já consegui fazer.” (2)

“Bom, eu não sei... Não posso dizer que é difícil de lidar, porque eu consigo suprir as duas coisas. Eu tenho meu tempo de estudo, que eu tenho minha parte técnica, e eu me adequo nesses meio-tempos que eu tenho pra literatura mesmo, assim.” (2)

## **Sujeito 2:**

“Eu leio bastante texto de crítica literária, de teoria literária, de linguística, de conceitos.” (1)

“E na Letras existem áreas, né. A teoria linguística aplicada, a linguística e a teoria literária. Eu tenho mais empatia com a linguística. Assim, na teoria literária, eu gosto bastante, porque trata de literatura e fala de aspectos que você lê e fala “nossa, não tinha pensado nisso!” (1)

“Ultimamente, não tenho tido tempo. Eu estava priorizando mais as leituras da faculdade mesmo. Não por uma questão de tempo, porque tempo, se a gente se organizar, a gente consegue fazer todas as coisas. Mas é por uma questão de cansaço mental. Porque mesmo que eu vá ler um romance, que não seja denso, você já tá tão cansado de absorver tanta informação, que você fala “não, eu vou descansar”. (1)

“Ah tá, o último foi “Um oceano no fim do caminho”, de um escritor chamado Neil Gaiman. Eu li em fevereiro, eu estava de férias...Acho que eu li algum outro depois, mas não lembro qual. Acho que não foi tão impactante.” (1)

### **Sujeito 3**

“Agora eu acabei *O primo Basílio* e comecei *A moreninha*, mas tá acabando já. Ai na semana que vem, que não tem aula, eu quero já começar... Eu vou começar a ler ou um do Cortella que meu namorado me deu ou um de um historiador. Não sei se você conhecer, é Marco Antônio Villa, ele é um historiador, ele é da UFSCar, mas ele escreveu um livro que chama *Década Perdida*. Devo começar a ler ou esse ou o do Cortella, porque eu tô tentando equilibrar: um livro de ficção e um livro mais assim...” (1)

“É, eu consigo. Mas, por exemplo, *A moreninha*, quando foi a última vez que peguei nele? Ah, foi quando eu terminei minha última prova, na semana passada, e consegui pegar ele pra ler, porque não tinha nada pra estudar. Mas desde então eu não peguei mais nele, porque o final de semana foi muito corrido.” (1)

“Eu diminuí bastante o ritmo, mas eu ainda consigo. Quando dá, eu leio. Porque às vezes eu até tento, tipo, quando sobra um tempo, que eu preciso descansar

a cabeça, eu até ligo o computador, mas eu fico pouco tempo. Eu prefiro o livro mesmo.” (1)

“Na casa que eu tô morando agora é um pouco difícil, porque, assim, eu divido quarto com mais três meninas. Ai eu tenho que ler na minha cama e é um beliche, ai fica escuro. Então, é um pouco mais difícil, mas eu consigo. É um pensionato e tem 18 meninas, então na sala não tem como, porque fica todo mundo lá... Às vezes no quarto também é ruim... Mas eu tô conseguindo conciliar. Está melhor que no cursinho, sabe? No cursinho eu nem arriscava pegar, de jeito nenhum.” (1)

## **2- Práticas de leitura na escola**

### **a) O(a) professor(a) de literatura**

#### **Sujeito 1:**

“Então, na oitava série um livro muito marcante que teve para mim foi “Espumas flutuantes”, do Castro Alves.” (1)

“E ai eu tava numa aula de literatura, o professor tava passando não lembro que artista...e de repente...Chegou depois da aula, eu falei “nossa!”(mas dentro do romantismo, sabe?) “nossa, mas eu gosto muito do romantismo, gosto muito desse período e tal. Num teria alguma coisa pra me indicar e tal?” E ai ele me apresentou o “Espumas Flutuantes” do Castro Alves, né.” (1)

“Então, o professor passava a lista de livros e falava “Ah, tem esses três livros pra esse semestre e vocês têm que escolher um deles”. Eu escolhia os três, né, porque eu peguei gosto nisso. ” (1)

“E foi bem com a inserção desse meu professor, que começou a passar mais essa

leitura de mais clássicos, assim, e eu já era mais maduro para aceitar isso, assim.” (1)

“Acho que eu mais citei esse professor porque acho que foi o mais marcante e foi o que mais me fez me apaixonar pela literatura, assim” (2)

### **Sujeito 2:**

“Mas o meu professor que era responsável por passar as leituras para gente do vestibular... Ele fez uma lista de modo que, quando a gente chegasse no terceiro, a gente tivesse todos os livros do vestibular da FUVEST e da Unicamp, mas intercalado com outros. Livros diferentes: O Auto da Compadecida, Cabeça de porco, que é um livro sobre uma experiência na favela. Passou Carandiru, do Draúzio Varella, sobre a experiência carcerária, passou Admirável Mundo Novo, passou Albert Camus, que também é um escritor que eu gosto disso e que comecei a ler por conta disso.” (1)

“Então ele passou muitos livros que não eram do vestibular, mas que eram importantes para a literatura como um todo e isso foi uma experiência marcante também.” (1)

### **Sujeito 3:**

“É, no Ensino Médio. Ela me deu aula no 1º, no 2º e no 3º ano. Foi mais no 1º que ela, nossa, ela falou muito... Eu tinha 15 anos e foi... Nossa, foi a transição, sabe? Quando eu comecei a querer a ler essas coisas.” (1)

“Ela dava muito exemplo e resumia a história para gente. Ah, por exemplo, quando a gente estava estudando Romantismo, ela falava “tal autor fez isso...”. Ai ela resumia um pouco da história do livro e eu me interessava muito. Foi ai que eu li *Amor de Perdição* do Camilo Castello Branco, que eu li *Senhora*, do José de Alencar. Eu comprei um livro que era, ah, de um alemão. Ah, era Goethe, do *Jovem Werther*. Eu pedi pro meu pai comprar por causa dela mesmo, porque ela falava muito desse livro.”(1)

“Não lembro que outros eu comprei, mas eu li mais outros ainda... E era porque ela falava, sabe? Machado eu li no 2º ano, quando a gente estudou Realismo, né. Eu não gostava tanto, mas gostei muito do *Dom Casmurro*. Mas só porque ela fez um estudo do *Dom Casmurro* com a gente. Ela era sensacional! Ela falava muito, ela explicava muito bem! E ai fazia muito sentido, sabe?! Quando eu ia lá e lia o livro...” (1)

“Não, porque ela era muito calma e ela não chamava atenção de ninguém. Era uma meia dúzia que prestava atenção e o resto dormia, jogava... Aquela coisa de Ensino Médio. Então, assim, era muito várzea. Como ela falava, era muito calma, não estava nem ai pros outros, então a maioria da minha sala nem estudava. Ela era muito boazinha.” (1)

“Olha, porque, assim, eu já sempre gostei de ler, né. Eu já tinha o interesse de ler antes e, ai, ela mostrou um novo universo, sabe, de coisas, de livros e tudo mais. E como ela mostrou isso, eu pensei “ah, é uma possibilidade de eu mudar o que eu tô lendo”. Como eu já gostava de ler, eu fiquei interessada. Como no 1º ano a gente estudou muito Romantismo, e a maioria dos livros que eu já lia eram de romance, e ela me introduziu muito nesses livros de romance, então eu gostei muito.” (1)

“E também ela explicava muito... Por exemplo, *Senhora* ela explicou muito pra gente, sabe? Então eu me interessei muito pela história. Era um romance e ai eu quis muito ler. Então, eu consegui fácil esse livro e ai eu pude ler... E, nossa, ela falava com uma paixão, sabe? Me cativava muito mesmo! E, como eu já gostava de ler, foi um prato cheio pra mim.” (1)

## **b) Outras experiências**

### **b.1) Anos iniciais do Ensino Fundamental**

#### **Sujeito 1:**

“Então, eu lembro que as leituras que tinha eram aquelas leituras adaptadas. Eu lembro de lá pela 4ª série, 5ª também, sempre foi de ler...tinha “A megera domada”, de Shakespeare mesmo, mas era tudo leitura adaptada” (1)

“E eu lembro que eu achava um saco, assim, esse tipo de leitura. Com sinceridade, eu achava muito chato, muito chato. É que o pessoal privilegiava mais era literatura infantil, né.” (1)

“E geralmente eram livros muito chatos.” (1)

### **Sujeito 2:**

“E acredito também que as professoras... Assim, que felicidade eu tive de no ensino fundamental, elas estimulavam a ir na biblioteca, pegar livro, orientavam a como escolher o livro.” (1)

“A professora orientava a visita (à biblioteca) e a gente podia escolher dois livros, de histórias infantis, daquelas curtinhas. A gente... não sei os meus colegas de sala, mas eu lia... eu devorava os livros. Então, eu tinha bastante contato...” (1)

### **Sujeito 3:**

“Uhhh, na escola... Então, no Fundamental I, a gente tinha um livro por mês que tinha que ler.

Não, um livro a cada dois meses e tinha a provinha e aquela coisas, né. Eu sempre lia, né. E minha mãe conseguia de graça os livros pra mim, porque ela era professora, né, então a editora mandava pros professores. Então, eu sempre tinha os livros. Mas, assim, dificilmente eu não gostava de um dos livros dos colégio, sabe? Eu sempre me interessava. Foi um ou outro que eu li com muito sacrifício... Por exemplo, quando minha mãe foi minha professora, ela passou um livro de poema. Nossa, eu não gostava, sabe? Esse foi um livro que eu li meio assim... Mas os outros, eu lia com gosto. Depois eu acabava indo bem na provinha que eles faziam e tudo mais.” (1)

## **b.2) Anos finais do Ensino Fundamental**

### **Sujeito 1:**

“Então, eu acho que o que ficou mais marcado para mim na 8ª série, acho que foi o começo do gosto que eu tive de ler pelos livros, né.” (1)

“Os outros professores que eu tinha era daqueles professores que às vezes não era professor de literatura...era junto com gramática também, sabe?” (2)

“Eu lembro de algumas coisas assim principalmente de trabalhos, né.” (2)

“Principalmente de livros que os professores passavam para a gente ler todo semestre e tal. Ai a gente tinha esse número de livros para ler, ai juntava em grupos e ia lá na frente e fazia um seminário sobre o livro, esse tipo de coisa. Acho que esse foi o maior contato assim que eu tive de literatura na escola.” (2)

“Normalmente era dividido naquele grupo que a maioria não fazia nada mesmo, entendeu? Pegava pra ver o filme em cima da hora e tal. Mas eu sempre fui aquele que pegava para ler mesmo, estudar mais afundo.” (2)

“A maioria seria adaptações, né. Eu lembro que eu já fiz do Conde de Monte Cristo, a Megera Domada do Shakespeare. Não sei se me lembro de mais algum...” (2)

### **Sujeito 2:**

“Da quinta à oitava série... É, eu mudei de escola, daquela que a professora levava a gente na biblioteca. Eu lembro que nessa nova escola tinha uma restrição muito grande pra gente pegar livro na biblioteca” (1)

“e entre 5ª e 8ª na escola pública tem muito disso de a sala de leitura estar desativada, ou você não pode pegar livros” (1)

“Eu lembro de na 5ª série querer pegar um livro de poemas e a moça da biblioteca falar para mim “ó, esse você não vai levar, porque você não tem idade para ler”. Mas não porque tinha algum conteúdo impróprio, mas porque ela achou que a complexidade eu não ia conseguir compreender. E eram poemas do Paulo Leminski, que é o meu poeta preferido até hoje.” (1)

“Mas assim, quando a gente ia, a professora ficava assim “Mais cinco minutos e acabou”, então a gente não tinha um tempo para ir lá e olhar, olhar um e depois outro, ver a capa... Não tinha tempo! Você tinha que ir lá e pegar o que desse tempo de pegar.” (1)

### **Sujeito 3:**

“Não, fiquei minha vida inteira na mesma... No Fundamental II, é, algumas professoras liam com a gente em sala. A minha mãe fazia isso e até hoje ela faz com os alunos dela. Eu tinha uma outra professora que eu gostava muito que também lia na sala. Mas não eram todas que liam... Mas eu lia todos os livros...” (1)

“Eu só tive trauma com um livro do colégio. Foi assim, quando eu estava na oitava série, meu professor passou *O Alienista* pra gente ler e, até então, eu não tinha começado a ler esses clássicos. Eu não tinha contato com essa linguagem, a gente estava sempre lendo esses, *A droga da obediência*, sabe? Ai ele passou *O Alienista* que é do Machado! Eu não entendi a linguagem, sabe? Pra mim, foi um livro que eu não gostei. Talvez, se eu ler hoje, eu mude muito essa visão, mas na época eu não gostei. Porque eu não entendia muito bem, sabe? Ai eu tive esse problema, mas foi só com *O Alienista*. E meu professor da oitava série era muito ruim, o de português, então esse livro ficou meio, assim, jogado ao vento.” (1)

### **b.3) Ensino Médio**

#### **Sujeito 1:**

“Eu tive a sorte de que até o Ensino Médio eu estudei numa escola que tinha uma infraestrutura muito boa e tinha uma biblioteca muito grande.” (2)

#### **Sujeito 2:**

“Agora no meu Ensino Médio, tinha uma biblioteca que você podia ir a hora que você quisesse.” (1)

### **b.4) Cursinho**

#### **Sujeito 3:**

“Ah, acho que eu esqueci de te falar, mas a época do cursinho também foi um pouco importante pra mim. No sentido desses livros mais culturais, porque os meus professores de histórias, os professores mais de humanas... Eu tive professores ótimos, excelentes, e eles sempre recomendavam livros. Tanto que eu tenho anotado numa agenda que eu preciso ler que eles recomendaram e que eu pretendia ler quando eu entrasse na faculdade. Ai ainda não li todos (risos). Mas tá anotado lá!” (1)

“E eles, assim, me encantaram muito. O de literatura também, que falava muito, até dos livros sem ser os do vestibular, né. Naquela época não tinha tempo mesmo, mas agora eu pretendo ler, né. Também tenho muito livro em casa para ler, sabe, que eu não li. Que eu comprei quando estava no cursinho e ficou lá. Eu fiz dois anos de cursinho e nesse tempo acumulou... Agora no metrô de São Paulo tem aquelas máquinas, que você paga dois reais num livro. Ai eu comprei alguns e estão lá em casa pra eu ler... E também uns que eu ganhei de Natal, uns que meu namorado me deu, uns que eu peguei na minha avó... Então, assim, vai acumulando livros lá e tá tudo lá. Eu preciso ler.” (1)

“Então, o cursinho foi, assim, importante pra eu... Ah, me estimulou bastante a ler esses livros mais cults. Meus professores me estimularam bastante. Foi uma época boa. Foi uma época que eu comecei a gostar mais de humanas, porque meus professores de humanas no colégio não eram muito bons. Principalmente o de história, que foi o mesmo por muito tempo. E ele... Nossa, eu tinha aversão à história.” (1)

### **3-Família**

#### **a) Pai**

##### **Sujeito 1:**

“Então, acho que talvez a primeira coisa assim, principalmente quando eu era pequeno, era o gosto que o meu pai tinha por livros. Ele tem uma mini biblioteca lá em casa e acho que o que primeiro me motivou como leitor talvez foi esse gosto dele, né. Então, na verdade, muito antes de eu pegar livros para ler, ele já me mostrou o quanto era bonito ter a prateleira com vários livros e tal, o quanto que era bacana, era legal. Então isso foi crescendo desde pequenininho com esse pensamento. Então acho que isso favoreceu bastante minha leitura assim por parte do meu pai.” (1)

“Mas ai ele foi lá e ele achou... foi um dos primeiros livros que eu tenho até guardado hoje que é o “Guia do cientista do Franjinha”, alguma coisa assim, sabe? Que era...mexia com essa parte e também do gosto que eu tinha com a Mônica.” (1)

“Então ele sempre foi me introduzindo dentro da leitura, sabe? Então, acho que isso foi primordial assim, né.” (1)

“Mas antes o que eu acho que eu mais aprendi com o meu pai não foram livros que ele me indicou, e sim aprender a gostar da leitura, aprender a gostar do livro, do material também em sim, né.” (1)

“Então, eu vejo isso principalmente com o meu pai, que sempre foi uma pessoa muito aberta para dar elogios. Então isso foi uma coisa que ele chegou para mim mesmo e falou “olha, filho, você tem esse gosto pela literatura! Nossa, acho isso tão bonito porque você busca autores, às vezes até uma leitura mais difícil. Acho muito legal”. E acho que a felicidade maior para eles é que eles fizeram isso junto comigo, né.” (2)

“O livro, se eu não me engano, era Guerra dos Mascates, de José de Alencar, que é o livro de uma leitura horrível, horrível, horrível! É de um português tão arcaico que você não acha no dicionário, né. Eu lembro que eu peguei para ler esse livro e ai eu passei para o meu pai e falei: olha, não deu pra ler, não. E ele falou “não, vou até grifar no livro para depois procurar no dicionário...”. Ai depois ele me passou de novo o livro e estava o livro todo grifado, né.” (2)

“Então, eu sempre tive essa relação com o meus pais, dos livros, né...essa troca”

“Tem uma história em quadrinhos que eu leio, que é uma biografia, praticamente. É um judeu que passou muito tempo num campo de concentração, chama MAOS. Fala da 2ª Guerra Mundial também, que é um assunto que sempre interessou pra mim e pro meu pai. Então, eu fui lá, levei o livro pra ele, falei “olha, lê esse aqui que eu sei que você vai gostar”. Ai ele falou “não, hoje mesmo eu já vou ler.” (2)

“Então, eu vejo mesmo eu estando distante, que agora eu tô morando aqui e não tem a mesma troca que a gente tinha antigamente, ainda tem esse interesse dos dois lados, sabe. Às vezes ele lê alguma coisa do Castro e fala “olha, lê esse aqui que

eu tô lendo e tal”. Então, eu vejo que é uma relação legal que a gente tem dentro da literatura.” (2)

### **Sujeito 2:**

“Meu pai sempre leu muito, então eu sempre via isso. E ele lia livros grandes. Então, eu via isso e pensava “ah, acho que eu também posso ler livros maiores” (1)

“Quando eu era menor, meu pai ia comigo (à biblioteca) e eu pegava uns livros na seção infantil.” (1)

“O primeiro livro que eu lembro que eu quis comprar... Provavelmente eu comprei antes... Mas que eu lembro mesmo, foi um livro que eu comentei com você, o Caçador de Pipas. Eu lembro que eu pedi pro meu pai comprar e ele comprou.” (1)

“Meu pai lia livros espíritas, livros de ficção. Tinha também livros de lógica, que era uma coisa que ele gostava de fazer. É...coisas de biologia, sobre o corpo humano.” (1)

“Eu tinha uns 3 anos e eu já via isso, né. Ele ficava na sala e eu via ele lendo. E, assim, no passado, não. Mas quando eu já tinha uns 9 anos, ele imprimia muita coisa, então ele tinha muita coisa impressa. Não somente livro, mas ele imprimia coisas de assuntos que ele gostava. Ele selecionava da internet os melhores site, imprimia e ia colecionando como se fosse livro. E acho que isso até me influenciou a ficar pesquisando na internet sobre os livros. E eu sempre via ele, tranquilo. Sempre muito tranquilo lendo os livros. Acho que eu sempre pensava “nossa, que legal! Que será que deve ser isso?” Então, ele me fez criar esse gosto.” (2)

“Meu pai contava muita história, antes de dormir, né. Ele inventava mesmo... Às vezes nem pegava livro, às vezes pegava também.” (2)

“Eu ia (à biblioteca) geralmente com meu pai, porque, como eu era pequena, precisava de alguém pra me levar.” (2)

### **Sujeito 3:**

“Meu pai me influenciou, não porque ele lia, mas porque ele comprava livros para mim sempre que eu pedia...ele trocava gibi pra mim, ele se esforçava bastante para eu sempre ter alguma coisa para ler, apesar dele mesmo não gostar.”

“Do meu pai, até hoje, eu só lembro de um livro que ele leu. Era o advogado... *O advogado de Deus*, alguma coisa assim. Era de de espiritismo também, mas ele não terminou até hoje. Ele não gosta... Ele lê muito jornal, mas livro não.”

“Quando eu era pequena, ele mesmo trocava os gibis para mim. Porque eu lia muito gibi e, como ele trabalha no centro, tinha muito lugar que você trocava dois gibis usados por um, sabe? Então, ele sempre chegava com, assim, pacatões de gibi, sabe?”

“E livro também. Ele sempre falou “ah, você tá precisando de livro? Então, a gente pega um dia e vai; a gente compra quantos você precisar”. A gente fazia muito isso... Então, ele sempre participou nessa parte de comprar os livros. E era um incentivo, porque eu sabia que, se eu queria ler, eu tinha como ler, sabe? E até hoje ele continua... Só que agora é mais com os livros da faculdade, que eu estou precisando mais.”

“Quando eu fiquei maior... uma vez por mês, mais ou menos, a gente fazia... Pegava um sábado de manhã e, lá em São Paulo tem uma rua que tem muito sebo, muito mesmo, é um do lado do outro, sabe? Então, a gente pegava um dia, ia nessa rua e, ai, passava no primeiro, gostei desse livro e já pegava. Ai passava no segundo e pegava outro... Então, a gente fazia assim: dia de compras no sebo. E era muito bom, porque eu chegava em casa e tinha um monte de livro e, como era eu que escolhia, era sempre livro que eu gostava. Então, nossa, era muito bom”

“Ai, por exemplo, como meu pai comprava para mim, era muito fácil para mim, sabe? Ler esses livros...”

### **b) Mãe**

#### **Sujeito 1:**

“Ela gosta de ler bastante, só que eu não vejo tanto quanto meu pai e, eu tenho minha irmã também, né” (1)

“pra ela pegar pra ler tem que ser um livro mais interessante, que alguém indicou pra ela, ai ela lê, devora o livro também.” (1)

“Mas eu não vejo tanto ela buscar, conhecendo o autor, buscar outras obras, sabe” (1)

“Então eu vejo que ela gosta de ler, tem prazer na leitura, só que ela num busca muito assim, sabe?” (1)

“Então, uma coisa que dá para acrescentar sobre a minha mãe é que, mais na minha infância assim, o meu pai trabalhava bastante e às vezes viajava bastante também. Então, quem que conseguia sair com a gente, pra levar na biblioteca, pra levar nessas feiras do livro, sempre foi a minha mãe.” (2)

“Então, embora eu tenha tido menos contato de ver ela lendo como eu tinha com o meu pai, né, ela sempre esteve mais presente na iniciativa de levar a gente nas bienais, nas feiras. Minha mãe não trabalha fora de casa, sabe. Então, ela tinha mais disponibilidade para isso.” (2)

### **Sujeito 3:**

“Na infância, minha mãe me influenciou bastante, porque ela lia e porque ela lia para mim.” (1)

“Mas principalmente minha mãe... Na minha infância, ela foi crucial.” (1)

“A minha mãe, ela sempre lia muito. Ela gostava muito de ler José de Alencar- isso antes de eu nascer, mas ela me contava- e ela participava do Clube do Livro. Isso nem existe mais, mas todo mês você recebia um livro. Então, você pagava uma taxa e recebia o livro em casa, você escolhia qual você queria... E, com isso, como ela participou muitos anos, ela acumulou muito livro em casa, na casa que ela tinha. E, quando ela casou com meu pai, ela acabou levando pra casa. Então, tinha muito livro, assim, da Agatha Christie, de suspense... Eram coisas que ela

lia muito e ficou lá. Assim, são livros que eu ainda pretendo ler, mas ela sempre me mostrava.” (1)

“Depois que eu nasci, quando eu já estava mais ou menos na infância, ela sempre leu muito livros de espiritismo. Ela não é espírita, mas ela lia muito... Ah, é uma mulher muito famosa que agora eu não lembro o nome (risos). Era baseado no espiritismo e ela lia muito. Ela também lia Sidney Sheldon e esses livros católicos, de padre, assim, ela gosta bastante. Apesar de ela não ter muito tempo pra ler, sempre que ela pode, ela pega um pouquinho, sabe? Então, eu sempre a vi lendo muitas coisas e me contando dos livros que ela lia.” (1)

“Então, quando eu cheguei na adolescência e comecei a ler mais, tipo, esses livros clássicos. Ai eu falava “ah, mãe, eu quero ler esse livro do José de Alencar”, porque eu comecei a gostar dele também. E ela falava “ah, esse livro! É assim...”. Então, ela conversava bastante de livro comigo também. Ela falava “Ah, eu até tinha esse livro, vou procurar para você”. Ela sempre falava que tinha um livro do José de Alencar, que ela gostou muito, que chamava Helena. E ela sempre quis por meu nome de Helena, mas depois, não sei porquê, ela mudou de ideia.” (1)

“Mas, assim, ela estava sempre falando pra mim dos hábitos de leitura dela e, de pequena, que tem história que eu lembro até hoje. Tinha uma que era do cavalo- marinho, que era para criança ela sempre lia comigo. Quando eu ainda não sabia ler, ela lia muito para mim. Tanto, mas contava a vida do cavalo-marinho, que o macho que carrega os filhotes... Tinha outro que ela lia para mim que chamava *Flor-de-maio*, que era a história de uma borboleta que pousava na flor-de-maio, umas coisas assim... Ai contava a história da borboleta na flor-de-maio e era um livro que eu gostava muito.” (1)

“Ela lia bastante antes de eu dormir... Não era todo dia, mas era frequentemente que ela lia pra mim. E agora, outros livros eu não lembro... Eu lembro muito das imagens, sabe? Mas das histórias eu não lembro. Eram muitos e eu tinha até outro dia em casa, sabe? Ai depois a gente acabou doando.” (1)

“E esse ela lia bastante para mim e depois eu lia sozinha também. Mas eu ainda pedia para ela ler pra mim, eu gostava bastante.” (1)

“Mas livro não faltava pra mim, nunca. A minha mãe era amiga da mulher da biblioteca da escola, ai teve uma época que ela mandava livros pra mim. Teve um época que eu inventei que eu queria muito ler crônica. Ai falei com a minha mãe para ela ver se tinha na biblioteca, porque eu não queria comprar o livro. Ai a minha mãe falou com essa mulher e ela mandou um saco de livros, era um monte! Ai eu li alguns, né, e isso eu estava de férias. Acho que eu estava na sexta ou na sétima série. Ai tinha uns bem legais, uns meio chatinhos.” (1)

### **c) Avós**

#### **Sujeito 1**

“Eu tenho o meu avô, que...ele num teve praticamente escolaridade nenhuma. Ele teve até a 4ª série, viveu praticamente a vida inteira no campo, tal.” (1)

“Só que ele sempre foi apaixonado por livros, assim. Ele aprendeu a ler se forçando a ler livros. Então, você pega pra conversar com ele, o conhecimento que ele tem, assim, é muito amplo. E foi tudo que ele buscou dentro dos livros.” (1)

“Então, isso foi uma coisa que eu cresci também, né. O quanto que a gente pode aprender em cima de livros.” (1)

“Então, ele tem um livro lá que, é...o livro tá caindo aos pedaços de verdade. Acho que não tem a parte de trás da capa, assim. E é sobre a história americana, sabe? E ele devora aquele livro! Já leu umas sete, oito vezes.” (1)

“Eu cresci muito vendo isso da parte do meu avô também, né. O quanto que ele sem escolaridade, mas o quanto de conhecimento que ele adquiriu só procurando livros de história...livros muitas vezes falando de alguma coisa relacionado a ciência...foi isso.” (1)

“Acho que, quando eu era menor, era por eu ver, ver que ele estava sempre lendo...” (2)

“Meu avô mora em São José do Rio Preto também e sempre que podia a gente ia e visitava, tinha aquele jantar de fim de semana em família e esse tipo de

coisa. E sempre tenho essa lembrança muito forte do meu avô sempre estar lendo quando eu ia pra lá.” (2)

“Acho que conforme eu fui crescendo também ele começou a me indicar livros também, sabe? Eu lembro também de livros extremamente antigos que ele remendava tudo no durex que ele tinha lá. Mas eu lembro dele falar assim “ó, esse livro aqui é muito bom, pega um dia para ler.” (2)

“Então, acho que quando eu era menorzinho, era mais por eu ter enxergado mesmo ele lendo, né. E depois, mais para frente, eu amadurecendo um pouco, ele já foi me indicando e foi falando um pouco mais do que ele estava lendo.” (2)

“Nossa! Acho que o mais marcante assim é um livro da história americana, né. Que é um livro que estava caindo aos pedaços mesmo, sabe? Assim, eu tinha medo de abrir o livro. Acho que esse livro, que é um livro grandão até...É que meu vô sempre foi apaixonado por história e esse tipo de coisa. E sempre vi que ele gostaria que eu lesse também, até mesmo para ele poder comentar comigo, porque não tinha tanto com quem ele conversar lá na casa dele.” (2)

“Agora, muitos outros livros de história também, mas acho que o mais antigo e que ficou mais marcado era esse livro da história americana.” (2)

### **Sujeito 3:**

“A minha vó paterna, ela só fez até a 4ª série. Ela sabe ler, mas ela tem um pouco de dificuldade de escrever. Mas ela, ela gosta bastante de ler. Ela sempre gosta de ler esses livros espíritos, ela gosta de livros católicos também.”

“Ela (a avó paterna)... Ela lê, mas não é uma necessidade pra ela. Tipo “ah, terminei um, vou começar outro”. Quando tem lá, que alguma prima dela traz, deixam lá, ai ela lê. Ela até me fala depois. Ela chegou a me dar um, que ela achou no armário. Ela leu, gostou e falou “ah, você não quer ler?”. Era um bem pequenininho, era bonitinho. Mas ela não corre atrás, sabe? Se tá lá, ela lê, mas ela não sai pra comprar um livro. Ela bastante, tipo, aqueles livros do padre Marcelo, sabe? E ela tá sempre lendo. Ai ela vem comentar comigo, fala de tal trecho... Ela às vezes conversa comigo sobre isso.” (1)

“Ah, esqueci de te contar. Na minha avó paterna, tinha uns livros lá jogados, da época do meu pai, do colégio dele. Ai meu pai pegou pra eu ler, mas, desses, tinha alguns muito chatinhos. Então, eu peguei um ou dois pra ler. Um deles foi *O menino do dedo verde*. Clássico! Nossa, eu adorei muito. O livro estava caindo aos pedaços, estava fedendo, porque estava lá guardado, mas eu adorei.” (1)

“Na minha avó materna também tem muito livro guardado, da época de colégio da minha mãe e das minhas tias, porque são quatro irmãs, né. Ai fica tudo lá guardado e já peguei muito livro lá. Eu pegava, né, porque os bons eu já peguei e os que estão lá agora não me interessam.” (1)

“Essa avó (a materna) não gosta muito de ler, mas lá na casa dela tem muitos livros, porque minhas tias e minha mãe deixaram...Tem até livro de sobrinho dela! Não sei como foi parar lá! E minha avó guarda tudo, então está lá. E eu peguei muito livro lá. *O primo Basílio* eu peguei de lá.” (1)

#### **d) Tios**

##### **Sujeito 2:**

“A minha tia, ela tem muitos livros em casa” (1)

“Quando eu comecei a procurar na internet sobre livros e a fuçar nas bibliotecas, eu percebi que a gente tinha gostos parecidos . Mas assim, sem saber que ela gostava...Então, a gente começou a ter essa troca de informações, começou a emprestar livros uma pra outra.” (1)

“Às vezes tinha uma coisa de “ah, eu vou comprar aquele livro que você quer e aí a gente vai montando uma biblioteca juntas.” (1)

“E agora ela me doou os livros dela. Recentemente ela mudou de casa...e agora eu tô com todos os livros dela.” (1)

“De poesia, de clássicos, porque ela também gosta muito. E de livros que marcaram a vida dela também. Ela gosta muito de um livro que chama “Não verás país nenhum”, que é do Ignácio Loyola Brandão. Só que eu ainda não li.” (1)

“Ela gosta muito do Dostoievski e aí eu comprei um livro recentemente do Dostoievski, que a gente tinha combinado. E a gente vai começar a fazer uma biblioteca só dos livros do Dostoievski, que é da nova tradução do russo, que saiu recentemente, né.” (1)

“Então, a gente sempre teve e essa troca de informações, sabe? Então, quando a gente sabe de uma nova tradução de livro, a gente fala “Nossa, aquele livro tem tradução nova. Será que não seria interessante a gente ler?”Então, às vezes eu leio um livro... Esse “Eu sou o mensageiro” eu falei para ela. Ai ela gostou pra caramba também e às vezes a gente tem um parecer muito diferente do livro. Teve um best seller que a gente leu, bem famoso, que é “O Caçador de Pipas”, que ela teve um outro parecer...do personagem, e do autor também. Porque a impressão que a gente teve é que o personagem no livro era meio que o alter ego do autor, meio que ele quis contar a infância dele colocando os personagens...E ai a gente conversou bastante sobre isso, a gente teve uma longa conversa sobre esse livro. E a gente ia falando sobre o personagem, se a intenção dele era fazer determinada coisa ou não...Então sempre tem essas discussões.” (1)

“Ai eu levei essa coleção pra casa da minha avó, que era onde meus familiares se encontravam e era onde eu encontrava com essa tia também. Quando eu era criança, a gente não era tão próxima, né. Porque ela é uma pessoa difícil, ai ela já grita e geralmente criança não gosta, né. Ai ela me pediu esses livros emprestados. Ai ela leu e depois me contou o que ela achou. E eu também comecei a ler mais, né, a ler coisas mais difíceis.” (2)

“E eu comecei a ler outros tipos de coisa, né. Acho que, quando eu tinha uns 12, 13 anos, a gente já conseguia ter uma troca sobre as coisa que a gente lia, já bem relevante.” (2)

“A minha tia tem uma experiência assim. E esse autor que ela conheceu por meio de outro livro é um autor que eu gosto muito, que é um poeta grego.” (2)

“Ela estava lendo um livro, ai no livro o personagem gostava do Kavafis, que é esse poeta. Ai ela falou “nossa, nunca li nada desse autor, vou ver como é”. Ai depois ela só comprou livro, porque ela adorou! Esse é um jeito diferente, né, de achar livros.” (2)

### **Sujeito 3:**

“Tem uma outra tia minha que eu converso bastante com ela, que ela gostava bastante de ler. Ela mora no interior, mas sempre que a gente se vê, a gente costuma conversar de “ah, li tal livro...”. Então, a gente sempre conversa, mas isso foi mais pro final... mais recente. E eu sempre converso bastante com ela disso...” (1)

“E, deixa eu pensar o que mais... Tem a minha tia de Jaú, que foi mais recentemente. Foi, vamos ver, nos últimos quatro anos que a gente começou a conversar de livros. Porque também ela começou a ler mais nesses últimos anos... Ai a gente conversa e ela até queria comprar um pra mim. Ela sempre pega essas promoções na internet e pergunta “ah, você tem ta?”. E eu falo pra ela que não precisa, porque eu não quero que ela fique gastando (risos). Mas ela sempre se oferece, sabe, pra comprar ou pra emprestar livros. E a gente sempre conversa bastante.” (1)

“Todas as (tias) de Jaú são irmãs da minha mãe.” (1)

“Ai, a minha outra tia, que é irmã do meu pai, ela lê bastante, mas eu não converso tanto com ela. Mas assim, eu sempre vejo ela, é... Porque ela e minha vó sempre emprestam muito livro, sabe? Então, eu sempre vejo ela com um livro, às vezes que tinha na minha avó...” (1)

### **e) Madrinha**

#### **Sujeito 3:**

“A minha madrinha, ela também influenciou bastante, porque ela sempre gostou muito de ler. Então, a gente sempre trocou experiência de livro que ela estava lendo. Isso, assim, quando eu comecei a ler nesses livros adolescentes, tipo Harry Potter e ela gostava também, aí a gente conversava bastante.” (1)

“É, minha madrinha, ela é de São Paulo, a gente mora perto, mas não tem tanto contato. Porque, ah, eu fico mais em casa, fazendo minhas coisas. Ela vai muito na minha avó, que mora do meu lado. Ai ela sempre vai visitar minha vó, fica o dia inteiro lá, mas é sábado e às vezes tenho coisa pra fazer e acabo não indo vê-la.

Agora, ultimamente que é mais assim. Quando eu era menor, a gente se via mais. E ela... Ela me deu alguns livros também. Principalmente em amigo secreto, várias anos ela me tirou e me dava livro. Por exemplo, ano passado ela me tirou e me deu um livro. E ela pedia livro emprestado pra mim, ela pegou Harry Potter emprestado de mim... E depois a gente conversava sobre... Ela me recomendou aquele do *Código Da Vinci*, sabe? Ela falava “ah, é muito bom! Passei a noite lendo, posso te emprestar...” Então, eu cheguei a conversar bastante com ela sobre isso, assim.” (1)

“É, ela falou desse do *Código Da Vinci*, por exemplo. Ela sempre falava “ah, lê tal, lê tal...”. E ela gostava muito desses livros espíritas, sabe? Só que esses ela não recomendava, porque ela sabia que eu não curto. Então, ela nem falava, mas os outros, sim...” (1)

#### **f) Irmã**

##### **Sujeito 1:**

“Tenho com a minha irmã, que eu tenho uma irmã só. Ela é mais nova, ela tá com 15 anos agora.” (1)

“E é bem interessante, porque meu pai também sempre incentivou muito ela na leitura. Só que a leitura dela é um pouco diferente, né. Então, por exemplo, quando eu tinha pegado para ler pros clássicos, assim e tal, ela já pegava o *Crepúsculo*...é...*Jogos Vorazes*, esse livros assim.” (1)

“Mas sempre foi de devorar livros” (1)

“Eu gosto muito de me relacionar com minha irmã, com meus pais e ai falei “Não, eu vou querer introduzir... Fazer um pouco o que o meu pai fez comigo... vou fazer com minha irmã também. Queria mostrar para ela como isso é bacana.” (1)

“E aí ela começou a ler, é, aquele *Percy Jackson*, o ladrão de raios... e tal. Ai ela leu o primeiro livro, leu o segundo livro e parou. E ficou parado lá em casa, né

Ai eu tava de férias também, uma época, ai eu falei “ah, vou pegar também para dar uma leitura, né. Para ver o que que minha irmã tá lendo.” Ai eu

peguei, li, gostei bastante do livro também. E aí eu falei “Ju, não, não...é, você leu só dois livros, mas que que você acha da gente completar a coleção e tal?” (1)

“Aí teve um mês que eu ia lá e comprava um livro, outro mês ela ia lá e comprava outro livro e a gente foi lendo junto assim. Então, foi bem gostoso assim...” (1)

“A minha irmã já inventava história, fazia narrativas mesmo. Então, era bacana, porque eu sempre tive muito disso quando pequeno e meus pais gostavam... Mas eu sentia que eles incentivavam muito mais a minha irmã nesse aspecto, né. Até mesmo para poder... para deixar isso muito forte nela, né.” (2)

“Então, contava a história de uma menina, aí tinha um mistério e tinha que resolver o mistério... Aí tinha alguma coisa lá no meio, que ia desenrolando a história e ela escrevia capítulos!” (2)

“Então, ela escrevia um capítulo, imprimia e colocava lá na escrivinha para mostrar para minha mãe, pro meu pai e pra mim também. E sempre fui muito legal que às vezes meus avós iam para casa também e minha mãe falava “não, Ju! Pega lá para mostrar pro vovô o que que você fez.” (2)

“E às vezes ela escrevia alguns capítulos e ela parava, né. E minha mãe falava “não, por que você parou? Eu queria saber o que acontece com o gato preto...” e falava assim, né. Então, sempre incentivou muito isso nela. Até hoje ela gosta de escrever, né... Então, eu sinto que, quando eu era pequenininho, ela sempre teve muito o apoio dos meus pais, o meu apoio também...” (2)

“Só que hoje em dia ela tá mais focada pro vestibular, né. Então, o que antigamente ela vinha me mostrar os capítulos, hoje em dia ela vem me mostrar redação, sabe. Então, às vezes acontece de eu estar lá no quarto e ela chega “não, F. Olha essa redação! Eu tirei dez”. Aí eu leio e ela tá escrevendo super bem, né. As redações são muito boas e tal.” (2)

“E eu vejo que ela perdeu um pouco disso que ela tinha para poder focar mais na redação, no vestibular.” (2)

#### 4- Amigos

##### Sujeito 2:

“Tenho também uma amiga... Aliás, das minhas melhores amigas, todas gostam de ler. Tem uma que faz jornalismo e com ela eu tenho um blog de literatura. Antes eu escrevia e agora eu faço vídeos. A gente troca muita informação, assim, e ela mora no Nordeste, né, aí eu mando meus livros pra ela e ela manda os delas pra mim. Então, a gente troca os livros, a gente discute muito o que que vai colocar no blog. E o blog tem parceria com editora, então a gente decide juntas se tal livro vale a pena a gente pegar...” (2)

##### Sujeito 3:

“Olha, por exemplo, eu tinha essa minha amiga com quem eu trocava muito livro. E essa minha amiga me emprestava uns livros era... *Pipe*.. Não sei, acho que era *Pipe meia longa*. Na época era muito febre, sabe? Ela me emprestou e eu gostei, mas não dei continuidade. Mas eu conversava muito de livro com essa minha amiga. Ela estudou comigo até a oitava série, então a gente conversava muito. Era minha amiga que mais lia, então eu trocava muito livro com ela. Era mais com ela, assim, que lia bastante.” (2)

“É. E eu conversava muito de livro com ela, sabe? Então, a gente trocava muita experiência, com os livros, sabe? A gente até, tipo, acho que foi quando a gente tinha uns 11 anos, a gente fez um “Clube do Diário da Princesa”! Sabe essa coisas bem de criança, era só eu e ela (risos).” (1)

“Ah, eram poucos. Eu tinha uma amiga, que até hoje ela é viciada em *Harry Potter*. Que é uma amiga que está comigo desde o pré também. Aí eu conversava com ela mais de *Harry Potter*, porque era mais o *Harry Potter* que ela gostava de ler. Do resto ela não era muito fã, não. Mas a gente trocava bastante ideia do livro, assim, sabe.” (1)

“Mas o resto das minhas amigas, nossa, não... Tinha uma que às vezes, que ela lia muito. Ela era meio de fases: tinha época que ela estava lendo quinhentos livros e tinha época que ela ficava com preguiça. Ela me emprestou muito livro da

Meg Cabot também, porque ela tinha uma coleção da Meg Cabot que era... Era de vampiro? Era uma coisa meio... Ah, chamava *A mediadora*. Ela comprava em sebo, ela comprava muito em sebo. Então, ela me emprestou esses livros da Meg Cabot. Acho que foi ela também que me emprestou *A menina que roubava livros*. Então, ela tinha picos, assim, às vezes ela lia muito e às vezes ela nem ligava. Ela foi mais no Ensino Médio e oitava série, assim. Eu troquei muito livro com ela também.” (1)

“Nos dois últimos anos do Ensino Médio, eu tive uma amiga que começou a ler bastante, uma outra, né. Mas, assim, eu não cheguei a trocar livro com ela. Às vezes a gente conversava de um ou outro livro em comum. Tipo, esse da *Menina que roubava livros*, ela gostou muito. Então, eu conversei com ela, da história e tal.” (1)

“Mas eu tive, assim, que me influenciou na leitura mesmo, foi essa que eu trocava livros do *Diário* e essa que me emprestou muito livro da Meg Cabot também.” (1)

“Ah, tinha um amigo no cursinho também, que ele era... Ah, esqueci dele! Ele adora literatura também. Então, esses livros clássicos, tipo Lima Barreto, *Sagarana*, ele tinha um monte. Ele adora! Eu conversava muito com ele. Era pra ele ter me emprestado, mas no cursinho eu nem quis, sabe. E agora, como eu estou aqui, fica mais difícil de vê-lo. Mas a gente tinha combinado de trocar livros quando a gente passasse, né. E a gente conversava muito de livro clássico, sabe, que a gente tinha lido em comum. A gente conversava muito. Mesmo os de vestibular, a gente acaba conversando também, sabe. Ele lia bastante, nossa, ele detona livros! Ele me recomendou alguns também.” (1)

“Ele da um jeito de... Como ele acabou muito cedo a lista dos livros do vestibular, em agosto ele não tinha que ler mais nenhum. Então, ele pegava esses outros livros pra ler. Ai ele chegava no cursinho com o livro e falava do livro, falava “Nossa! Tô adorando esse livro”. E às vezes os professores comentava daquele livro, tipo *Sagarana*, sabe? Então, ele falava “Ah, essa parte do livro é muito boa”. Ele me ajudou bastante.” (1)

“É, amizade, acho que foram umas três, quatro. Mas que foram muito importantes também, porque estimula quando você conversa com alguém sobre o livro. Ou

quando alguém recomenda... Muito livro que eu li foi por recomendação ou alguém que me emprestou também.” (1)

## **5-Namorado**

### **Sujeito 3**

“Ah, tem meu namorado também que ele adora ler, tipo, muito! Mas ele lê essas coisas mais cult, de filosofia, sabe? Ele faz Marketing, mas ele ainda quer fazer ou História ou Direito... E ele me incentivou muito a ler filosofia. Tipo, Cortella, não sei se você conhece, Mário Sérgio Cortella?” (1)

“Então, ele adora! Ele é viciado no cara e me levou em várias palestras dele. E ele adora o Cortella e eu gosto também, não tanto quanto ele, mas eu gosto. Então, ele me dá muito livro, ele me empresta muito livro dele. Ele me deu um do Cortella recentemente até autografado. Ele conseguiu o autógrafo e meu deu.” (1)

“Então, a primeira vez que eu fui numa biblioteca foi com ele, mas não foi pra pegar livro, foi pra ver apresentação cultural. E ele gosta muito da Livraria Cultura da Paulista, então vira e mexe, a gente vai lá fuçar nos livros também. Então, eu conheci aquela livraria por causa dele também, porque ele trabalha por lá então ele sempre passa o tempo lá.” (1)

“Ah, faz 2 anos e... Quase três anos. E uma das coisas que aproximou a gente, antes de a gente começar a namorar, foi também essa coisa da leitura. De livro, de filosofia também, que eu me interessava, mas não tinha tanto contato. Ai ele me apresentou muita coisa, muita coisa mesmo.” (1)

“Mas assim, livros cult, na minha família, não muito... Foi mais meu namorado que me incentivou e no cursinho também, esses livros mais filosóficos.” (1)

## **6- Acesso aos livros**

### **a) Incentivo da família**

#### **Sujeito 1:**

“E o incentivo também à compra de livros. Então, desde pequenininho assim... sempre fui de ler muito gibi. Então, gibi da Mônica, esse tipo de coisa assim. Então ele (o pai) falou “ah, eu sei que você gosta bastante de astronomia. Não quer pegar um livro mais sério, alguma coisa mais assim, né”. (1)

“Então, isso foi uma coisa bem legal da parte da minha família também. Eu cheguei pros meus pais numa época que eu tava lendo bastante e falei “ó, eu tô lendo bastante, já li a maior parte dos livros que achei interessante na biblioteca do meu pai e agora eu quero fazer a minha própria biblioteca também, né. Então queria saber se tem como vocês pegarem um custo, separarem para mim só para eu comprar livros, né”. E a minha mãe fez isso, então, se não me engano, a cada duas semanas, eu conseguia ir lá e comprava um livro para ler, né.” (1)

“E foi mais assim...então eu fui montando a minha biblioteca de pouquinho em pouquinho, sabe? Acho que esse foi o maior acesso.” (1)

“Então, tinha uma prima da minha mãe que eu lembro que ela colecionava e tal. Ai lembro que, quando a gente era bem pequenininho mesmo, chegou um momento que ela trouxe um saco enorme, cheio, mas cheio, cheio mesmo de gibis da Turma da Mônica. E ela deu pra gente, né, pra mim e pra minha irmã. Ai eu lembro que uma grande parte era a gente lendo esses gibis. E eu lembro que era muito, muito gibi! Não sei se é minha cabeça de criança que pensa naquela quantidade. Mas eu lembro que era muita coisa.” (2)

“Quando meu tio saiu da casa dos meus avós, porque esse meu tio ele é o mais novo, né, e ele sempre foi de ler esses gibis e essas histórias em quadrinho, né. Ai ele lia e sempre trocava com a gente. Então, ele comprava e falava “olha, esses aqui vocês já leram?” e ai a gente trocava, né. E era assim que a gente ia agilizando a leitura, né.” (2)

## **Sujeito 2:**

“O fato de ter livros em casa, o que para mim foi estímulo. Até mesmo quando criança, pegar esses livros e folhear, mesmo quando eu ainda não sabia ler.” (1)

“Eram livros do meu pai. E eu manipulava e via esses livros mesmo antes de saber ler.” (1)

“Eu ia na biblioteca da cidade, ou procurava na internet sobre livros, ou comprava...” (1)

“Ai a partir daí eu só comprava livros. Eu sou meio compulsiva, assim, por comprar livros. Eu entro na livraria, eu preciso me controlar (risos)” (1)

“Mas eu já tenho uma biblioteca boa, com livros que eu gosto, com livros que ainda não li, mas que quero ler.” (1)

## **b) A prática de ir à biblioteca**

### **Sujeito 1:**

“Biblioteca eu fui muito quando eu era pequeno. Meus pais me levavam bastante, até para incentivar e tal , mas quando peguei para ler mais, foi mais comprando livros mesmo.” (1)

“Então, eram livros mais infantis... Um dos livros que eu ia lá pegar era esse que eu fiz até questão de trazer que é do Capitão Cueca, que é uma coisa que foi muito da minha infância e que eu lembro que é mais dinâmico. É pouco texto, são mais imagens e eu lembro que tinha alguns exemplares desses lá (na biblioteca).” (2)

“Mas eu lembro também das Aventuras de Tin Tin, tinha alguns exemplares lá, que era muito bacana e eu gostava de ler. Nossa! Algumas obras do Arthur Conan Doyle, as histórias do Sherlock Holmes, foram nesse primeiro acesso que eu tive com a biblioteca.” (2)

“E o trato que os meus pais tiveram comigo, até para me ajudar com isso, era “você pega o livro e termina de ler. Ai quando terminar de ler, a gente volta lá e você pega outro”. Então eu lembro que a periodicidade mesmo era quando o livro terminava.” (2)

“Ela era, se eu não me engano, parecia uma aranha, assim. Sim, sim, era bem diferente! Só de você entrar no prédio já era uma diversão. E eu lembro que, se eu não me engano, chegava e tinha vários arquivos e tal. Não era muito organizado lá dentro, sabe? Eu lembro que você tinha meio que caçar alguns livros, sabe? Você tinha que fazer um cadastro lá e podia mexer nos livros...” (2)

“A minha irmã ia, nessa época que a gente ia na biblioteca. Era um passeio em família... Às vezes meu pai estava trabalhando ou não... Mas eu lembro muito bem: eu, minha mãe e minha irmã, principalmente, assim.” (2)

### **Sujeito 2:**

“Era uma biblioteca grande, tinha um acervo bom. Na época que eu ia com mais frequência, eu ficava mais na seção infantil, né.” (2)

“Mas não era uma frequência assim, toda semana... Era mais uma vez por mês mesmo, até porque nessa época eu pegava bastante livro na escola.” (2)

“Quando eu entrei na 5ª série, eu comecei a ir mais, porque ai já não tinha tanto acesso. Eu fiz até a minha ficha, porque antes eu pegava na do meu pai. Ai acho que eu ia umas duas vezes por mês.” (2)

“Eu manipulava os livros, via a capa, via o nome e o autor, via se eu já conhecia... Ai eu levava pra casa.” (2)

“Ah, eu acho que eu ficava muito feliz quando eu ia pra biblioteca, porque eu chegava em casa, deitava na cama e tinha um lazer, sabe.” (2)

## **7- O impacto da leitura**

### **Sujeito 1:**

“Eu acho que é bem completo assim, né, a literatura... Então, eu vejo muito como um entretenimento.” (1)

“Então, eu vejo muito que o autor, ele é influenciado pelo que aconteceu na vida dele e pelo meio em que ele vive, né. Então, a gente aprende um pouco sobre isso, né. A gente aprende dentro disso.” (1)

“Então, eu vejo que quando você lê a literatu...quando você lê livros até mesmo para entretenimento e livros mais antigos assim, você tem uma imersão muito grande lá dentro. Que é uma parte fantástica da literatura: você se diverte, você se sente dentro daquela época, dentro daquele contexto, sabe. Então, para mim, é isso que eu acho muito bonito. Então, para mim, é entretenimento... é tudo, sabe? É bem completo.” (1)

“Então, ele escreve esse poema a respeito daquela situação, daquele momento da vida dele. Então eu achei isso fantástico, sabe? Eu achei muito bacana. E eu comecei a fazer isso depois também, sabe? Eu tenho um livro de poemas, assim...os poemas podem ser horríveis, mas são coisas que iam acontecendo na minha vida que eu ia relatando em forma de poemas também.” (1)

“Então, eu sempre fiz muito isso, de ler dentro da literatura e trazer muito para dentro da minha vida, né.” (1)

“Você vê grandes roteiristas, assim, citando nome de grandes autores. Então, eu comecei a achar isso fantástico. Por exemplo, aconteceu de eu pegar umas histórias em quadrinhos do Neil Gaiman e ele falando de Nietzsche e Schopenhauer, citando outros autores que eu também tive contato. Então, isso foi o que mais me puxou para dentro das histórias em quadrinhos também.” (2)

“Esses dias eu estava lendo, acho que era *As últimas caçadas de Kraven*, que é uma revista em quadrinhos do Homem Aranha, né. Mas é uma leitura muito mais madura, né. Então, tem o Kraven, ele tá caçando o Homem Aranha, o porquê ele está caçando, a mentalidade dele... Ai o autor fala no final também, citando Kafka, ele fala todo o porquê daquela brutalidade, a animalização que ele tinha e tal. Ai eu falei “nossa, não, vou dar um pausa aqui e ver o que que Kafka tinha a dizer sobre isso”. Então, eu parava para ler Kafka, sabe?” (2)

## **Sujeito 2:**

“E também, eu via que meus coleguinhas não tinham isso, não tinham tanta leitura. E eu ficava sabendo das coisas... e eu sempre gostei muito de aprender, de conhecer coisas novas, até hoje. Então, essa rotina que eu fiz, até hoje, me dá essa sensação de “ah, aprendi uma coisa nova! ah, agora eu sei disso!”. E isso pra mim é uma coisa importante. Principalmente agora, que eu estudo Letras, às vezes eu vejo alguma coisa em um livro e penso “ah, é aquilo que já vi em outro livro”. E isso já veio desde a infância, sabe. Então, eu tinha satisfação, eu tinha alegria mesmo.” (2)

“Acho que prazer pessoal, né. Você lê e você se sente no meio daquela história. Tem aquele suspense e eu penso no que vai acontecer, no que eu faria nessa situação. E é também informativo, né. Mesmo que seja ficção, a gente fica sabendo que existem histórias e histórias no mundo. E que a gente vive uma, mas outras pessoas podem viver outra. Fica sabendo que existem outras culturas no mundo. Você ver essas nuances, de que existem coisas diferentes da sua realidade, tanto se for para prazer pessoal ou pra informação, é interessante para que você entenda o mundo e que respeite essas diferenças. Isso é importante, você começa a rever seus conceitos. Eu gosto muito disso, de rever o que eu penso. Se hoje eu penso uma coisa, amanhã eu vou parar para ver se é isso mesmo que eu penso e a leitura me ajuda muito nisso.” (2)

### **Sujeito 3:**

“Então, quando eu lia... O que eu mais gosto na leitura, o que me encanta mesmo, é que é uma das poucas coisas que eu consigo esquecer tudo o que está na minha volta. Quando eu me interessar pelo livro, eu entro na história, sabe? Então, eu esqueço que eu estou em casa, que estou na biblioteca lendo. Eu saio da minha realidade!” (2)

“Eu gosto porque trabalha muito a imaginação. Então, eu adoro, quando eu estou lendo livros de ficção, imaginar a cena, como que é o personagem, imaginar o personagem de acordo com a descrição. Ficar imaginando as cenas mesmo! Então, é isso que me encanta. Quando eu vou procurar um livro... Um livro que me agrada é aquele que eu consigo... Que ele realmente me tira da minha realidade, que ele se torne interessante ao ponto de eu conseguir ficar muito focada nele por muito tempo, sem pensar em outras coisas. (2)

“Tem alguns livros de ficção que, quando não chama muita atenção, você lê um pouco e aí já distrai, sabe. Aí você volta, mas já perdeu um pouco o fluxo da história. Esse livros do *Harry Potter* e da Meg Cabot, quando eu lia, eu entrava mesmo, sabe. Então, eu lia metade dele num dia e ia imaginando toda a história certinha. E até hoje eu lembro de como eu imaginava os personagens de cada um. Eu lembro como imaginava... Então é isso que eu procuro”. (2)

“Agora nesses livros mais filosóficos, que eu vou tentando ler, eu busco mais, assim, pra aprender alguma coisa diferente, ter mais repertório quando eu for avaliar um fato da realidade. É pro meu próprio conhecimento mesmo, sabe, porque eu tenho curiosidade dessas coisas. Agora esses livros, eu sei que eu não vou pegar e ficar lendo três horas seguidas. É um livro que você vai ler, aí você vai refletir um pouco, né. Aí depois lê mais um pouco. E esses livros, eles vão me tirar da realidade, mas não vão me tirar tanto como um livro de ficção.” (2)

“Eu acho que ler fez com que eu escrevesse bem, sem dúvidas. Eu lembro que, assim, na época do colégio, eu corrigia redação de amiga minha, porque eu nunca tive problema com ortografia ou com pontuação. Português era uma matéria que eu nem estudava, entendeu. No cursinho, também era a matéria que eu ia melhor. Tanto que é o me fez passar no vestibular, português e as redações me ajudaram muito! Então, nisso ajudou muito.” (2)

“Ajudou também, pelo menos eu acho que foi a leitura que me ajudou nisso, quando eu vou falar em público, eu tenho facilidade. Por exemplo, se eu vou fazer uma apresentação de slides, eu tenho facilidade de ir falando as coisas. Então, eu consigo juntar bem as palavras, eu consigo escolher as palavras na hora. Fica mais fluído e acho que nisso me ajudou. No vocabulário também, na interpretação de texto também. Eu nunca tive problema com interpretação de texto. Até, por exemplo, exatas, eu podia até ter problema com matemática ou com física, mas eu nunca errava por não ter interpretado o enunciado corretamente. Então, me ajudou até em exatas, porque quando tinha os problemas, eu tinha facilidade de imaginar a situação. Por exemplo, quando eu fui fazer o ENEM, eu percebo que como eu já li muito, eu consigo fazer uma leitura muito dinâmica das coisas. Então, no ENEM, eu lia o enunciado e conseguia ler rapidamente o texto, sem me desgastar, e já responder a questão.” (2)